

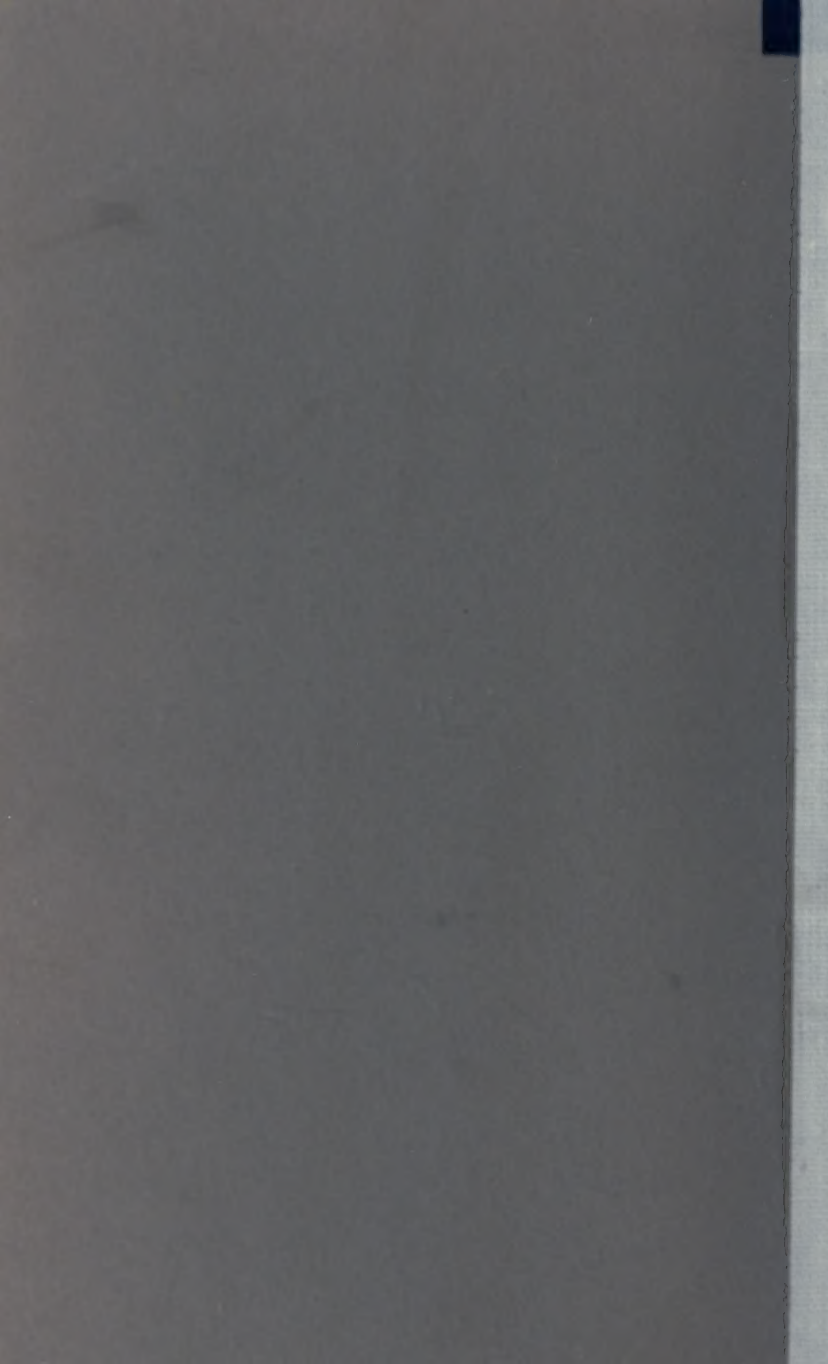
UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01270565 3

Ferreira, António
A Castro

PA
9231
F3C3
1598a



Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa
XVIII

A
CASTRO

DE
ANTÓNIO FERREIRA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1598

Com um prólogo por Mendes dos Remedios



COIMBRA
FRANÇA AMADO — EDITOR

—
1915

A
CASTRO

C A S T R O

Composto e impresso na Tipografia França Amado
Rua Ferreira Borges, 115 — Coimbra.

Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa

XVIII

A
CASTRO

DE

ANTÓNIO FERREIRA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1598

Com um prólogo por Mendes dos Remedios



COIMBRA

FRANÇO AMADO — EDITOR

—
1915

Revised text of the University of Toronto
XVIII

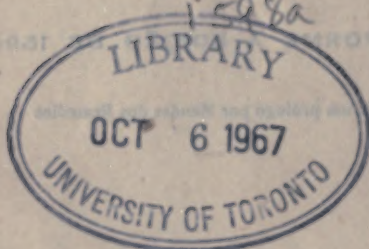
A

CASIRO

PO
9231

F303

1598a



COMBIA

UNIVERSITY OF TORONTO

PRÓLOGO

I

DA « CASTRO » E SEU SIGNIFICADO NA EVOLUÇÃO DA LITERATURA PORTUGUÊSA

Será preciso justificar a reimpressão da famosa obra de António Ferreira, que vem nobremente enfileirar ao lado das que constituem a nossa coleção *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*?

Todos quantos se interessam por este género de estudos sabem perfeitamente o alto valor, o significado extraordinário que na evolução da nossa literatura, e nomeadamente na dramaturgia portuguesa, traduz a obra do poeta eminente, que se chamou António Ferreira. Mais de trezentos e cincoenta anos volvidos sobre o aparecimento dessa obra não empanaram em nada nem o seu brilho, nem o seu merecimento.

O fundo de emoção que nos desperta é ainda o mesmo que poderia despertar numa intelligencia culta e delicada do século em que pela primeira vez surgiu à luz da publicidade.

A *Castro*, à parte o seu lado affectivo e sentimental, que será sempre idêntico, quaisquer que sejam as vicissitudes das cousas e das pessoas, porque assenta sobre o que é estrutural no pensamento e no coração, tem o destinto mérito de ser a obra que iniciou, numa fôrma moderna e perfeita, cheia de concisão e de eloquencia, a série dos numerosos poemas, dramas, romances, músicas, poesias soltas e contos, devidos à inspiração de tantos autores nacionais e estrangeiros (1). A concisão dos pensamentos junta à elegancia de dizer revela-se em cada scena da *Castro*, que é por isso uma verdadeira obra prima na nossa litteratura e uma das belas manifestações do génio da sua época e da geração artistica em que se filia.

(1) Veja-se a Nota LIII « *Inesiana* » da obra de Antero de Figueiredo — *D. Pedro e D. Inês*, pág. 311. A lista organizada pelo destinto escritor seria preciso agora acrescentar a formosissima conferencia realizada no claustro do Mosteiro de Alcobaça *Inês de Castro na poesia e na lenda*, de Afonso Lopes Vieira, 1913.

II

APARECIMENTO DOS PRIMEIROS ENSAIOS
DA TRAGÉDIA EM ITALIA E FRANÇA

Quando o nosso Poeta empreendeu e levou a cabo a sua famosa tragédia iniciava um género a que perduravelmente ligaria o seu nome. E esta glória definitivamente conquistada, como pensamos e o demonstraremos, para Portugal e Espanha, pode mesmo estender-se a toda a Europa, se a *Sofonisba* de Trissino, unica que disputa a primasia á *Castro*, fôr avaliada como de direito.

As tentativas para a criação do teatro moderno iniciaram-se na Italia e remontam a largos anos antes de Trissino. Foi com effeito um precursor de Petrarca, Albertino Mussato (+ 1329) quem, segundo em tudo as pisadas de Sêneca, primeiro publicou as duas tragédias *Eccerinis* e *Achilles*.

— O autor latino deixou oito tragédias completas — *Hercules furens*, *Troades* ou *Hecuba*, *Medea*, *Phaedra* ou *Hippolytus*, *Oedipus*, *Agamemnon*, *Thyestes* e *Hercules Oetaeus*, além da incompleta *Phenissae* ou *Thebais*. Imitadas de Sofocles e Euripides estas obras ficam muito aquem das dos seus modelos. A narração é difusa e retórica, as personagens indecisas. Em compensação o dialogo abunda em con-

ceitos morais purissimos e a variedade dos metros dá ao verso vivacidade e harmonia (1).

Estas qualidades é que fizeram tornar queridos o nome e a obra de Séneca. E foi por êle e através dêle que se fizeram todas as tentativas de adaptação e de criação do teatro dos tempos modernos. São a principio meras traduções, é o latim a lingua unica e exclusivamente empregada, são os temas os mesmos. Dentro dêsse circulo de ferro giram todos os autores que foram aparecendo sucessivamente desde os fins do século xv e por todo o século xvi. É, para não citar senão os principais, Rucellai (1475-1525) com a sua *Rosmunda*, que não é senão, no seu episódio principal, uma reminiscencia da *Antigone* de Sófocles, e a *Orestes*, que é uma lembrança da *Ifigenia em Tauride*; é Alamani (1495-1556) com a sua *Antigone*, que não passa duma tradução da obra do mesmo titulo de Sófocles; é Pietro Aretino (1492-1552) com a sua *Oração*; é ainda Giambatista Giraldi Cinzio (1504-1573) com a sua *Orbecche*; é, enfim, Trissino (1478-1550), o famoso autor da *Sofonisba*, que foi publicada em 1515 e que desde o seu aparecimento chamava as atenções de todos os contemporâneos (2). O verso ensecasilabo

(1) Vid. a minha *Introdução a Historia da Literatura Portuguesa*, Coimbra, 1911, pág. 188.

(2) Na Biblioteca de Lisboa ha a edição de 1523, que consultei: *La Sofonisba Del Trissino*. No fim: *Stampata in Vicenza per Tolomeo Ianiculo, del'anno MDXXIX*.

solto, conquanto não fôsse uma inovação, pois que derivava já dos trovadores e remontava até Brunetto Latini, mestre de Dante, representava uma feliz iniciativa, de que Trissino sentia bem todo o arrojo. Dedicando a sua obra ao Pontífice Lião X (1) espera que êle dará o seu justo valor a esse verso, tendo-o como o melhor e o mais nobre, e *menos facil* do que a primeira vista se afigura (2).

A obra era composta *em italiano* e esse facto traduzia em si um progresso enorme. O mérito de reconhecer que a nova civilização espendida no teatro era preciso acomodar uma lingua moderna vinha a caber-lhe por completo. Dante tambem começara por compôr em latim os primeiros tercetos da sua genial epopeia. Mas Trissino não compreendeu todo o alcance das novas evoluções dramáticas e, se espunge o latim, conserva ainda um assunto antigo e estranho a alma e a curiosidade dos seus concidadãos. Sofonisba, rainha da Numidia, mulher de Sifax e depois de Massinissa, é sacrificada a glória de Roma. Scipião receiando as suas intrigas junto do marido, aliado dos romanos, faz-lhe perder todo esse ascendente e a rainha prefere a vergonha de ser escrava,

(1) A dedicatória « *Al Santissimo Nostro Signore Papa Leone Decimo Giovan Giorgio Trissino* » começa: « *Avendo io gia molti giorni, Beatissimo Padre, composto una tragedia, il cui titolo è Sophonisba...* »

(2) J. Burckhardt, *La civilisation en Italie au temps de la Renaissance*, II, 32.

entrando na capital do imperio atrás do triunfador, a altiva coragem de empunhar a taça do veneno e de se matar (1). O assunto tinha grandeza, não ha duvida, e o conflicto dos caracteres opostos e dos episódios de duas civilizações inimigas era para tentar um espirito de eleição, e tanto que êle foi ainda retomado, só na literatura franceza e em épocas bem diferentes, por Muret (1629), Corneille (1663) e Voltaire (1770).

Onde fôra Trissino buscar as personagens da sua tragédia? A obra de Tito-Livio. E se o assunto era assim fornecido pelo historiador latino, a estrutura da obra, a sua marcha, a conduta das personagens, os dialogos e côros eram todos tirados dos trájicos gregos. Era uma ingenhosissima demonstração do mecanismo do teatro, diz Hauvette, a que só faltava uma alma (2).

O que sucedera em Itália sucedeu identicamente em França. Os primeiros que empreenderam imitar os dramas latinos imitaram-nos até no seu idioma, escreve Chassang. A esta imitação veio mais tarde juntar-se a representação dos próprios modelos, desempenhados a principio na sua lingua original, e mais tarde em versões feitas na lingua vulgar (3). De sorte

(1) H. Hauvette, *Litt. Italienne*, 1910, pág. 250.

(2) *Ibid.*, pág. 250.

(3) *Des Essais dramatiques imités de l'antiquité aux XIV^e et XV^e siècles*, 1 vol.

que quando appareceram as tragédias de Jodelle e La Perouse um largo periodo havia já transcorrido de tentativas e de experiencias que prepararam o advento das formas dramaticas regulares (1). As primeiras tragédias francesas foram traduções, depois vieram as imitações, mais tarde alguns ensaios originaes — e eis todo o teatro trágico do século xvi, diz Faguet.

É Jodelle quem marca brilhantemente o inicio do movimento de renovação, como em Itália Trissino:

A sua *Cleopatra* é de 1552 seguida alguns anos depois de *Dido*. Em 1553 appareceu a *Medea* de La Perouse. O impulso estava dado. Era dai por deante procurar a corrente deixando-se conduzir por ella, destacando cada qual na forma de esforço pessoal que podesse dispendir, até chegar a época gloriosa da tragédia franceza com Corneille e Racine. Mas nestas alturas a que só os genios remontam não se devem nunca esquecer os que ajudaram a subir tam alto, como um Buchanan (por 1540) com as suas tragédias latinas, um Muret com a sua *Julio Cesar*, tambem em latim, e até o teólogo Teodoro de Beza com o *Abraham sacrificant*, em francez, do anno de 1547.

(1) Cap. II « Premiers essais : les tragédies latines » em Em. Faguet, *La Tragédie française au XVI siècle*, Paris, 1912, pág. 63.

III

A INICIAÇÃO DA TRAGÉDIA EM PORTUGAL

Portugal também pagava o seu tributo a influência latinizante, e antes que as estrofes da *Castro* surgissem na sua estrutura maravilhosa, muitas tentativas, melhor ou pior sucedidas, deveriam ser feitas. Cá verificamos a mesma marcha já observada nas nações que nos precederam; primeiro as traduções e imitações, até chegarmos à forma autónoma da *Cleopatra* de Miranda, talvez, e à *Castro* de Ferreira, com certeza.

Por Azurara e Rui de Pina sabemos dalguns dos livros que formavam a livreria de D. Afonso V (1) e lá vemos figurarem entre eles as tragédias *Fedra* e *Hipolito* de Séneca, que era um dos mestres da scena antiga mais vulgarizado entre os humanistas, como dissemos.

Proximamente pela mesma época em que na mente de Ferreira se debuxava a *Castro*, apparecia em Lisboa em 1555 a tradução duma das tragédias de Ésquilo (2) empreendida por Hen-

(1) Cfr. Sousa Viterbo, *A Livreria real especialmente no reinado de D. Manoel*, Lisboa, 1901.

(2) É não de Sófocles. A *Orestia* é a trilogia do famoso Ésquilo compreendendo *Agamemnon*, *Choe-phoras* e *Euménides*. O trecho transcrito no texto além dos dizeres dos titulos, elucida esta esmiação,

rique Ayres Victoria --- Tragedia da vingança que foy feita sobre a morte del Rey Agamenon. Agora novamente tirada do Grego em lingua-gem: trouada por Anrique Ayres Victoria. Cujo argumento he de Sophocles (sic) poeta grego. Agora segunda vez impressa e emendada e anhadida pelo mesmo autor.

No verso do rosto e no alto da página: « Começa a tragedia de Orestes tirada de grego em Romance trouada por Anrique Ayres Victoria, natural do porto e derrigida a muy manifica senhora dona Violante de Ta-uora ». No fim traz a subscrição: *Aqui fenece a Tragedia de Orestes... Foy impressa na muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa por Jerônimo Galhardo... Acabouse aos VI dias de Novembro de mil e quinhentos e cincoenta e cinco anos* ». De Inocencio, o laborioso bibliófilo, extratamos a scena 1.^a para se fazer idéa desta originária tentativa dramática tam interessante para a nossa historia da literatura (1):

Aquestes, Orestes, sam
Cãpos de Grecia chamados.
Descançe teu coraçam,
porque de todo seram

que seria facil de não deturpar por parte de autores autorizados.

(1) *Disc. Bibl.*, III, 150, onde se podem lêr outras particularidades.

teus desejos acabados,
e aquella gram cidade,
que des outra parte ves,
he Arguos de anteguidade
e de grande potestade,
e olha cá ho reves :

E veras hũa espessura
por esta parte estar soo,
que he o bosque de lo,
que cobrou sua figura,
no Nila feito de poo.
E a tua esquerda mão
aparecem hũs edificios,
honde os sacerdotes vão
dApollo, com deuaçam,
a fazer seus sacrificios.

Reconhece, pois, agora
a cidade de Micenas,
onde a tua alma mora,
e descancem nesta hora
tuas fadigas e penas.
Porque esta he aquella,
onde os teus pensamentos
sempre tinhas sem cautela,
e pois te ves a par della
acabem já teus tormentos.

E aqui fostes liurado
por Elecha, irmã tua,
daquelle tredor maluado,
de Egisto reprouado
que te dera morte crua...

Passados poucos anos, em 1560, foram tam-
bem impressas em Lisboa por João Barreira

as traduções do *Hercules furens* e da *Medea* de Seneca, e João de Barros na *Rópica* cita algumas outras tragédias do mesmo autor. Mas todas estas tentativas iam ser suplantadas pela obra de Antonio Ferreira, que appareceu pela primeira vez em 1587, onze anos antes da edição das suas obras completas. Com effeito, estas foram publicadas póstumas mercê das diligências de seu filho Miguel Leite Ferreira. Sairam com este titulo:

— *Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira dedicados por seu filho Miguel Leite Ferreira ao Principe D. Filippe nosso Senhor.* Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1598, 4.º de iv — 240 fls. numeradas só pela frente.

Ora a data da morte do insigne poeta, tida como incontrovertida por todos os biógrafos, é o ano 1564. Ha por conseguinte um longo periodo de vinte e nove anos antes que apparecessem a lume exemplares tam honrosos duma bela intelligencia. Porquê? Eis o que naturalmente nunca saberemos. Foi o filho quem publicou as obras do Pai — como se vê acima. Na dedicatória, que tem a data de 15 de maio de 1598 declara « *Este livro esteve por espaço de quarenta anos, assi em vida de meu pai, como depois do seu fallecimento, offerecido por vezes a se imprimir, e sem se entender a causa que o impedisse, não ouve effeito* ».

Isto é absolutamente exacto, porque o Soneto primeiro da bela collecção do Poeta diz o seguinte:

Livro, e luz dexesjas, mal t'enganas
 Quanto melhor será dentro em teu muro
 Quieto e humilde estar, in daque escuro,
 Onde ninguem t'empece, a ninguem danas !

Sujeitas sempre ao tempo obras humanas
 Cõ a novidade aprazem, logo em duro
 Odio e desprezo ficam : ama o seguro
 Silencio, fuge o povo, e mãos profanas.

Ah, não te posso ter ! deixa ir comprindo
 Primeiro tua idade ; quem te move
 Te defenda do tempo e de seus danos.

Dirás que a pezar meu foste fugindo,
Reinando Sebastião, Rei de quatro annos :
Anno cincoenta e sete : eu vinte e nove.

Contava, por conseguinte, o Poéta vinte e nove anos quando tinha pronta para a impressão uma parte da sua obra.

Não que êle aspirasse com entusiasmo nem sequer com muito contentamento a vê-la impressa. Do soneto transparece bem a evidência que êle preferia conservar as suas composições não, decerto, ocultas a todos, mas escondidas do maior numero, sem dúvida. Aborrecia-lhe a notoriedade entre quem o não podia apreciar.

..... ama o seguro
 silencio, fuge o povo, e mãos profanas.

Alguem, porém, se interessava por que a musa do Poéta não fôsse apenas para uma escola de intellectuais, de amantes da boa arte

de poetas, de fervorosos admiradores do belo. E Ferreira resigna-se, como o indicam claramente os tercetos acima transcritos. Embora a custo, consente na publicação do que já havia composto e era somente apreciado no círculo dos seus admiradores. Aquele *quem te move* vencera a relutância do Poeta e a sua obra ia finalmente ver a luz publica.

Não sucedeu, porém, assim. Ferreira viveu ainda desde 1557, data fixada por ele ao soneto que acima fica, doze anos, pois veio a falecer em 1569.

Que teria sobrevindo que impediu a publicação, aliás resolvida, publicação que não só ele não viu, mas demorou ainda o larguissimo periodo de vinte e nove anos, pois só em 1598, afinal, se quebrou o misterioso encanto do silêncio?

Aquele que estava em melhores condições de nos prestar alguns esclarecimentos não o fez, porque o não soube, ou não quis. « *Sem se entender a causa...* » e nada mais acrescenta, nem sequer, que fôsse, a mero titulo conjectural.

Decerto, nesse ano de 1557 não estava encerrada a actividade poética de Ferreira.

Os doze anos que ainda viveu foram preenchidos literariamente pela composição e labor dos dois livros de *Cartas* e pelas *Epistolas*, senão a sua melhor obra — áparte a tragédia — verdadeiro *punctum saliens* de tudo quanto escreveu — decerto, pelo menos, a mais reflectida,

a mais ponderada, a mais subtil, a que encerra maior intensidade filosófica. Sabe-se que Ferreira morreu novo, com 42 anos de idade.

A sua produção literária não podia, pois, ser abundante, o que não admira, quando a comparamos com a dos seus admiradores e amigos Miranda, Caminha e Bernardes, pois esses lograram mais dilatados anos de vida, sobretudo o mavioso cantor do Lima, que morreu octogenário, e afinal nenhum d'elles se pôde dizer modelo e exemplar de acção intensa extraordinária.

Essa actividade de Ferreira foi ainda desviada para o exercício do cargo de Desembargo do Paço e, afinal, abruptamente cortada pela morte sobrevinda, na cidade de Lisboa, com a epidemia do ano de 1569, que tudo devorava, ajuntando êste, diz o seu antigo biógrafo, aos outros muitos estragos com que a assolava (1).

Muito temos que agradecer à memória de Miguel Leite Ferreira, que salvou o nome de seu pai de quase eterno esquecimento, que doutra fórma ficaria memorado apenas nas obras com que o encomiaram, — agora o sabemos com toda a razão, — os estros de Sá de Miranda, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Corte-Real e outros.

(1) Na 2.ª impressão dos *Poemas Lusitanos*, Lisboa, MDCCCLXXI, pg. 21.

Ao vêr o primeiro chamar-lhe *ingenho prompto e raro*, ao vêr Caminha chorá-lo como

— retrato só da idade antiga
Do teu á nossa lingua concedido,

ao meditar nas palavras de Bernardes, que o apelida de *ingenho peregrino*, de *Musa da Lusitania*, ao rememorar o soneto de Corte-Real, em que se lhe dirige como a

Esperada luz nossa e nossa glória,

atribuíramos a longaminidade de poetas, que entre si facilmente se inclinavam no pendor do elogio, aquilo que não era senão um justo preito ao Mestre advertido, ao critico judicioso e sabio, ao poeta de afeições ternas e suaves, como o demonstram os seus sonetos, as suas elegias, odes, églogas e cartas, e de inspiração alevantada e eloquente, que vinculou em letras de bronze e ouro na portada da *Castro* o seu nome de autor imoredouramente original.

Mas teria sido a edição de 1568, que deixamos acima mencionada, a primeira que revelou ao publico o estro do Poeta? Na sua totalidade não ha duvida que foi, mas não se pôde afirmar o mesmo pelo que respeita, pelo menos, a uma das suas obras — a *Castro*, pois desta temos a seguinte edição:

*Tragedia | muy sentida e ele | gante de Dona
Ines de Castro aqual foy repre | sentada na*

cidade de Coimbra | agora novamente acrescentada. (Vinheta) Impressa com licença por Manoel de Lira de 1587.

8.º pequeno, de 31 fls. inum.

O único exemplar conhecido desta edição, estudado e confrontado com os da edição de 1598, permitio ao sr. Visconde de Castilho no seu magnifico trabalho sobre o Poéta afirmar com toda a razão « que a Ines de Castro de 1587 é o texto primitivo sobre o qual o autor teria bordado as variantes e interpolações que se encontram na edição de 1598 e do qual teria riscado, não menos, periodos que nesta se não encontram ». E acrescenta judiciosamente: « Parece-nos que o codice que servio a Manoel de Lira para a ed. de 1587 seria o primeiro borrão da tragédia e pertenceria à mocidade do autor ». Entre esses exemplares ha grande diferença, « ha mais mestria no de 1598, o que mostra que esse codice conservado em casa do Poéta era o que ele perfilhava e onde a sua lima teria trabalhado com mais eficacia » (1).

Temos, portanto, que a edição de 1598, organizada, dirigida e publicada pelo filho do Poéta, perto de trinta anos depois da morte de seu pai, se não é a mais antiga, é evidentemente a mais autorizada e a que por isso deve ser dada como o texto definitivo.

(1) *Livraria Classica*, vols. xi-xiii. Cfr. o vol. 1.º, pg. 222.

IV

A « NISE LACRIMOSA » DE BERMUDEZ
É SIMPLEMENTE UM PLÁGIO DA « CASTRO »
DE ANTÔNIO FERREIRA

Entretanto que a pedra tumular fechava para sempre o ciclo da existência do sentidíssimo escritor e que a má-sina estendia ainda por sobre ela o pesado véo do esquecimento, aparecia em Espanha a seguinte edição: — *Primeras tragedias españolas de Antonio da Silva. Dirigidas al illustrissimo señor don Fernando Ruz de Castro y Andrade primogenito successor en los estados de Lemos, Andrada, y Sarria y Villalva. Con privilegio. Impresas en Madrid en casa de Francisco Sanchez impressor. Año de MDLXXVII. 8.º de VIII. (numeradas). 106 folhas numeradas na frente, e mais uma no fim com a designação da impressão e ano (1). Antônio da Silva não era senão o pseudónimo de Frei Jeronimo Bermudez, natural da Galiza e religioso dominicano, nascido, segundo a opinião do colecionador do *El Parnaso Español* depois do ano de 1530 e que ainda vivia em 1584).*

(1) Segundo Inoc., *Dicc. Bibl.*, t. 304 e Gallardo, *Ensayo de una Bibl. Española*, vol. 1.º, Madrid, 1866.

A obra de Bermudez apparecia assim dez annos antes que visse a luz publica a obra de Ferreira, e talvez esse grosseiro cômputo levasse alguns a falar em plágio, sem se lembrarem de que o nosso autor tinha morrido havia oito annos quando a *Nise lacrimosa* vinha estadear a descaradissima imitação da tragedia portuguesa. Imitação, melhor diremos copia, e copia servil, que chega as mesmas frases, as mesmissimas palavras, além de não haver em toda a obra espanhola uma scena, um trecho, um episodio, que possa reputar-se original. O confronto já foi feito de principio com sufficiente nitidez por Costa e Silva para que seja necessário repeti-lo aqui de novo. Para elucidação do leitor, a quem a consulta do *Ensaio Biografico-critico* não seja fácil, poremos aqui apenas alguns trechos da obra de Ferreira, em frente daqueles sôbre os quais Bermudez calcou servilmente os seus (1).

Logo de comêço a obra espanhola se denuncia, abrindo por um fastidioso e difuso *Argumento* em prosa, explicando o *factum* da tragedia, que não existe na obra de Ferreira. O autor espanhol compreendeu que era necessário explicar aos seus leitores o facto historico que motivara o seu trabalho, e expôi-o como a

(1) Sirvo-me da reprodução que vem no vol. 1.º de *Origenes del Teatro Español seguidos de una colección escogida de piezas dramaticas anteriores á Lope de Vega por don L. F. de Moratin con un Apéndice por don E. de Ochoa*. Paris, s. a., págg. 314-356.

quem o ignorava inteiramente. E era lógico que o fizesse, escrevendo para quem desconhecia naturalmente o successo estranho ao seu país e a sua literatura. Não succedia o mesmo com Antonio Ferreira. A morte de Inês de Castro impressionara tam profundamente o povo português, que as *Trovas* de Garcia de Resende:

Qual seraa o coraçam
 Tam cru e sem piedade
 Que lhe nam cause painam
 Hila tam gram crueldade
 E morte tam sem trezão ?

bem possível é terem sido suscitadas por narrativa versificada de caracter popular. A continuidade da tradição estava pois assegurada em Portugal, e bem conhecida, para que Ferreira julgasse necessário, ou sequer mesmo conveniente explicar o *tema* da sua obra dramática. Inspirado pelo assunto, sentindo-o bem como alma amôravél que era, abre logo pelo dialogo de *Inês de Castro* e da *Ama*. O autor espanhol, esse teve de explicar de que se tratava, teve de expôr largamente o objecto da obra. Sem dõvida que Bermudez não fazia mais do que adoptar um uso muito vulgar, e que o próprio Ferreira seguiu, escrevendo o *Prólogo* que antecede a sua comédia *Bristo*. Mas porque é que Bermudez imitando em tudo Ferreira só nisto lhe não seguiu o exemplo ?

Claro, isto é apenas um indicio, como disse, é uma revelação do plágio, que se manifesta a

toda a luz no decurso da obra. Logo na scena 1.ª do 1.º acto, Bermudez introduz a falar o Infante D. Pedro que, em monologo que não conta menos de *cento e trinta e seis* endecasilabos, assim começa a expôr a sua paixão por Inês de Castro :

Otro cielo, otro sol, me parece este,
 Del que gozaba yo sereno y claro
 Allá de donde vengo ; ay, triste cielo,
 Cómo en ti veo el trance de mis hados !
 Ay ! que donde non veo aquellos ojos
 Que alumbran estos mios, quanto veo
 Me pone horror y grima, y se me antoja
 Más triste que la noche, y más escuro.
 Allá (ay dolor !) los dejo, allá en Coimbra,

 Allí tan claro es todo, que aun la noche
 Más dia me parece que de dia

O que em Bermudez é inicio, é em Ferreira quase o fecho do drama. O fim da catástrofe presente-se próximo quando, ao abrir o 5.º acto, o Infante exclama :

Outro ceo, outro sol me parece este
 Differente daquelle, que lá deixo
 Donde parti, mais claro, e mais fermoso.
 Onde não resplandecem os dous claros
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.
 Aquelle he só meu sol, a minha estrella,
 Mais clara, mais fermosa, mais luzente
 Que Venus, quando mais clara se mostra.
 Daquelles olhos s'alumia a terra,

Em que sombra não ha, nem nuvem escura.
 Tudo alli he tam claro, que te a noite
 Me parece mais dia, que este dia

Tenta o Secretário dissuadir D. Pedro dos amores que reputa funestos, ao que elle, indignado, replica :

Yo nunca fui jamás, ni Dios permita
 Que sea cual tú dices, ó cual todos
 Vosotros me juzgais : cierto otros ojos
 Más claros que los vuestros son los míos,
 Con que miro, y miro lo que hago
 Tan grande no es el mal como lo pintan.
 No verro, ni errar puedo si me sigo
 Por lo que me revela y aconseja
 Mi espíritu real, porque sin duda,
 Otros secretos trata Dios conmigo
 (Esto hace con los príncipes y reyes)
 Que no alcansais vosotros, y así ciegos,
 Erráis en el juicio de mis obras :
 Mirad bien á esta hembra, y contempladla,
 Ved lo que su real valor promete,
 ¿ Su sangre no es real como la mia ?

Veja-se agora pelos versos do nosso Ferreira como Bermudez lhe roubou tudo — sentimentos, idéas, palavras. E no acto 1, em seguida á fala do Secretário, e após a intervenção do *Coro* :

Eu não sou, nem fuy nunca qual me julgas,
 Ou qual me julgaes todos. Outros olhos
 Diferentes dos vossos são os meus,

Com que me vejo, e vejo que o que faço,
 Não he tamanho mal, como vos vedes.
 Eu não faço erro algum: sigo o que o sprito
 Me diz, e me revela, a quem eu creio.
 Cos Príncipes tem Deos outros segredos,
 Que vos não alcancaes, e como cegos
 Nos juizos erraes de seus misterios.
 Olhay esta mulher, vede o que ha nella.
 D'um sangue nos formou a natureza:
 Real he, de Reys vem, de Reys he digna.

No acto 2.º a mesma cópia servil.

António Ferreira escreveu pondo na boca de
 D. Afonso IV:

Oh cetro rico, a quem te não conhece,
 Como és fermoso, e bello! e quã soubesse
 Bem quam diferente és do que prometes,
 Neste chão que te achasse, quereria
 Pisar-te antes cos pés, que levantar-te.
 Não louvo, os que se louvam por imperios.
 A ferro, sangue, e fogo destruyrem.
 O seu proprio estendendo: mas aquelles
 (Ó grandeza espantosa, e animo livre!)
 Que tendo-os muito grandes, os deixáram.
 Mór alteza, e mór animo he as grandezas
 Desprezar, que aceitar: e mais seguro
 A si cada hum reger, que o mun lo todo.
 O resplendor deste ouro nos engana.
 E he terra em fim, e terra a mais pesada
 De hũa alta fortaleza estamos sempre
 Postos por atalayas á fortuna:
 Por escudos do povo, offerecidos
 A receber seus golpes: não fazê-lo
 He usar mal do cetro, e bem fazê-lo
 He não ter vida mais segura, e certa,
 Que quanto estes perigos não prometem.

E logo Bermudez se apropriou de tudo escrevendo :

Es, exceptro, de volta inestimabile
 A quien no te conoce, porque cierto,
 Quien viese sin pasión, y sin antojos,
 Cuan otro de lo que pareces eres ;
 Cando en este suelo que te hallase,
 Antes debria con los pies hollarte,
 Que levantarte del nunca yo alabo
 A los muy alabados de que á costa
 De sangre ajena, imperios destruyron,
 Por extender el propio ; antes alabo
 Aquellos que con ánimo cristiano,
 Temiendo reinos, muchos los desechan ;
 Mayor grandera de ánimo es grandezas
 Despreciar que aceptar, y más seguro.
 El resplandir, del mundo nos deslumbrara
 Y es tierra al cabo, y tierra muy pesada.
 De un alto alcazar, siempre atalayamos
 La fortuna cruel que nos combate,
 A recibir sus golpes, no hacello
 Es mal usar del exceptro, bien hacello
 Es no temer la vida más segura
 De lo que estos peligros nos prometen

O acto fecha com a intervenção do *Côro*.
 Escreveu o nosso Ferreira :

Quanto mais livre, quanto mais seguro
 He aquelle estado, que de si contente
 Não se levanta mais que quanto pode
 Fugir misertas !

.....

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha
 Triste, enganado / poucas vezes dorme
 Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
 Temendo os homêa.

.....
 Quam poucas vezes vimos
 Tardar a grã justiça
 Que não decesse sobre
 Aquelles livres filhos

Bermudez, na mesma forma estrófica, foi seguindo *pari passu*, como se vê:

Cuánto más libre, cuánto más seguro
 En el estado, que de si contento
 No se levanta, mas de quanto huye
 Grande miseria

.....
 Quien más desea, las más veces se halla
 Triste y burlado, pocas veces duerme
 El fuego tieme, vientos, aires, sombras,
 Teme los hombres.

.....
 Cuán raras veces vemos
 Tardar en su venida
 La justicia del cielo
 Sobre los malos hijos
 Que dan trabajo y muerte,
 Negando la obediencia
 A sus propios padres :
 Pecado torpe y feo
 A los divinos ojos,
 Pecado que padece
 Mas de hircanos tigres,
 Mas de loones bravos,
 Que de hombre á semejanza
 De su Hacedor criado.
 Aquel amor tamaño
 De padres que te engendran
 De padres que te crían
 Con sangre de su pecho,

¿Cómo olvidar te puedes?
; Oh gran brutalidad,
Oh fiera rustiqueza,
Hacer tan mal retorno
A tanta cortesía!
Rey don Alonso, rey,
Conócete á ti mismo,
Acuérdate agora
Aquellos yerros feos,
De cuando perseguiste
A tu propio padre,
Que en ti son castigados
Por otro hijo tuyo,
Que te desobedece.
Dan vuelta, y las quinas
Reales y divinas,
Por Dios eterno dadas
A aquel buen rey primero
De quien es escpectro y nombre
Que tienes heredaste,
Por ti se levantaron
No contra cinco reyes,
Con cuja sangre y vida
Las hubo el rey tu padre
Mas contra tus vassallos;
Dan vuelta, y a las quinas,
Reales y divinas,
Y en bravo fuego ardiendo,
Contra sí mismas duras
Se muestran y crueles.
; Oh con cuanta fiereza
La sangre se vertía,
La sangre de los tuyos!
Tu no lo merecias;
Cuántas veces la santa,
Santa reina tu madre,
Se metió en aquel fuego,
Por la vida salvarte,

Por ella era apagado,
Por ti tornaba á arder;
Agora ardes en este,
Justicia de Dios vivo.

O confronto, se fôsse levado por deante, não nos elucidaria mais. E é assim em tudo (1). Bermúdez imitou, copiou na maior parte dos casos, e longe de evitar os defeitos de Ferreira, que os tem, mais pela natureza dos tempos em que escrevia, do que pela falta de veia poética ou de talento, antes os agrava e afeia. Quando consegue ser elevado, a sua lingoagem não tem a nobre eloquência, o vigor e concisão da do autor português.

Não admira, pois, que os criticos tenham de há muito sentenciado o pleito em favor de Ferreira.

« La acción de la *Nise lastimosa*, escreve um dêles, se representa parte en Lisboa y parte en Coimbra, como la *Castro* del portugués, á la cual sigue servilmente de escena en escena la tragedia castelhana. Empieza, prosigue y concluye de la misma manera, copiando las situaciones, los pensamientos y las palabras. En suma: Bermúdez siguió á Ferreira, como la sombra al cuerpo, copiándolo y traducien-

(1) Bermúdez para o seu plágio, escreve o sr. Visconde de Castilho, servio-se dalguma copia da ed. de 1587, pois que esse plágio é mais descarado, mais completo, quando o confronto entre a *Nise* se faz com essa edição. *Liv. Classica, ob. cit.*, pg. 221-242.

dolo todo, hasta los defectos, los adornos líricos, y los pensamientos demasiado sutiles en boca del príncipe » (1). Outra não é a opinião de Martínez de la Rosa que, nas notas a sua *Arte Poética*, terminava as suas considerações sobre o assunto desta forma decretória: « cotejando ambas as obras parece me que na portugueza se descobre o verdadeiro original » (2). E não creio que os criticos tenham modificado este modo de vér, pois que Fitzmaurice Kelly pôde escrever não há muito: *Peu de mots suffiront pour le dominicain galicien Gerónimo Bermudez (1550? — 1590?) qui publia sous le nom d'Antonio de Sylva les « Primeras tragedias españolas, Nise lastimosa y Nise laureada... » La « Nise lastimosa » n'est qu'une traduction de l'Inès de Castro, pièce écrite par le portugais Antonio Ferreira (1528-1566) entre 1553 et 1567; elle contient de beaux passages, tandis que la suite ajoutée par Bermudez n'a point de valeur » (3).*

Para se conseguir esta unanimidade de vistas entre os diversos escritores, que teem examinado a questão, é decerto porque ela não oferece grandes ensanchas para a duvida.

(1) Signorelli, *Historia de los teatros*, cit. no tomo I de *Orígenes del Teatro Español*, de Marañón.

(2) Vide Costa e Silva — *Essays*, cit. vol. 2.º pg. 153 e Inocencio da Silva, *Inoc. Bull.*, 1, 141; Th. Braga, *Hist. do Theatro Portuguez* na tomo III, pg. 98 e segs.

(3) *Littérature Espagnole*, 2.º ed., Paris, 1903, pg. 226.

Mais para admirar é, pois, a attitude de Costa e Silva, que depois de citar o testemunho autorizadissimo de Martinez de la Rosa, considera ainda a questão em julgado por estas razões que expôi :

1) « A primeira é que havendo Ferreira composto dous livros de Odes, entre ellas não apparece uma Saphica, e que apparecem duas nos choros da Castro, e que essas mesmas se deparem na Tragedia de Bermudez, em cuja *Nise laureada* se encontra tambem outra, o que parece provar, que era elle, que estava costumado a usar destes metros latinos ».

2) — « Consiste a minha segunda duvida, em que sendo possivel que traduzindo-se uma obra de uma lingua para outra tão parenta, e semelhante, como é a hespanhola da portugueza, o Traductor, sendo homem de talento, possa imitar a expressão, as phrases, modo de dizer, e versos do Poema ; que a copia se confunda com o original, visto que tem o modelo á vista, que pôde contemplar e estudar á sua vontade ; tenho porém que é muito difficil, por não dizer impossivel, que esse mesmo Traductor compondo uma obra original apresente os mesmos rasgos de semelhança, e a mesma identidade com a composição que traduzio ; e é isso que observamos em *Nise laureada* de Bermudez, que elle decerto só copiou de Ferreira, que nunca tratou tal assunto » (1).

(1) Vol. 2.º, pg. 153-154.

Falando de Fr. Agostinho da Cruz e referindo que este deveria ter recebido no deserto, a que se acolhera, a noticia da morte de seu irmão Diogo Bernardes, Camilo nota uma contradição em Costa e Silva e escreve: « Disse este asno que... ». Etc.

Camilo não leo decerto as páginas, que Costa e Silva consagrou á *Castro* de Antonio Ferreira, aliás o seu lapis irreverente e justiceiro não deixaria impune a soez argúcia por êle manifestada. Como pôde surgir esta miserável questão do plágio da *Castro*, por parte de Antonio Ferreira? Quem foi o primeiro que, com olhos de vêr, pôde, confrontando a obra portugueza e a espanhola, dar a esta a primasia da originalidade? Quem pôde tam levemente decidir-se pela originalidade da obra de Bermudez, assacando assim grave injúria a memoria do homem eminente que foi Antonio Ferreira, portuguez estreme tam apaixonado da terra Pátria, que deixou escrito:

Eu desta glória só fico contente
Que a minha terra ame e a minha gente ?

A primeira razão apresentada por Costa e Silva é perfeitamente pueril. Ferreira escreveu treze odes, que andam nos seus Poemas (8 no primeiro livro, 5 no segundo) e nenhuma delas é sáfica. Na *Castro* aparecem duas. O que seria natural concluir, parece, é que esse género de metrificacão não agradava a Fer-

reira. Tendo escrito essas duas odes, provaria que o seu estro também delas era capaz, mas como não sympathizava com a fôrma, abandonou-a. E negar a originalidade da *Castro* por se supôr que Jerónimo Bermudez seria mais hábil na estrutura da ode sáfica — contando *uma só* a obra de que êle é incontestável autor, a *Nise laureada*, — é quâse zombar do bom senso.

A segunda razão a que se quis apoiar a nimia susceptibilidade do critico demonstra apenas a falta de critério e de bom gosto no cotejo de duas obras de mérito literário bem diferente, como são a *Castro* e a *Nise laureada*. Precisamente o confronto entre esta última tragédia e a *Castro*, aparte a lingua, é claro, servirá para demonstrar que quem fez uma não podia de forma alguma escrever a outra, tão grande é a distância que as separa. « ... A *Nise laureada* está cheia de colóquios prolixos e impertinentes, ainda que adornados de sentenças e conceitos nobres, a fim de avolumarem o corpo da acção. Estes colóquios, como deslocados e impróprios do enredo, não dão interêsse à acção da tragédia, nem fallam à intelligência, tornando assim as scenas mais difusas, mais impertinentes e ainda mais despropositadas, se é possível.

O carácter dos personagens não tem a mesma apropriação, o mesmo primor trágico, na *Nise laureada* que na *Nise lacrimosa*. Nalguns personagens é até sumamente impró-

prio e indecente. O carácter do rei, por exemplo, não pode ser mais indecoroso, nem mais baixo, em muitas das suas acções, e em não poucas das suas expressões. Sirva de exemplo a scena 3.^a do acto V em que se expõe o suplicio dos agressores de D. Ines de Castro. Não haverá scena mais ridicula em tragedia alguma, por mais disparatada que seja no entrecho dramático. O rei, o verdugo, e os réus, todos falam entre si com expressões grosseiras, burlescas, ultrajantes, irónicas, plebéias e indignas da magestade dramática. Neste ponto não pode haver maior desconformidade nas duas *Nises* » (1).

Mas não será agora um autôr nosso que citaremos, será, sim, um espanhol illustre, que ao estudo do teatro antigo do seu país dedicou uma grande parte da sua actividade.

Ouçã-se, pois, a Moratin que, nos *Origenes del Teatro Español seguidos de una colección escogida de piezas dramaticas anteriores à Lope de Vega* assim se exprime referindo-se à *Nise laureada*: « No hay fábula en esta pieza, ni interés, ni enredo, ni desenlace, ni afectos, ni caracteres, ni situaciones: todo es languidez, desaliño, impertinencia, atrocidad feroz, olvido continuo de los preceptos que dicta el buen juicio en esta classe de composiciones. Si se exceptuan algunos pedazos dignos de

(1) Pereira Caldas, cit em Inoc., *Dicc. Bibl.*, 1, 144-145.

estimación, todo lo restante es en extremo defectuoso (1) ».

Por outro lado, como poderia admitir-se que um homem austero e probo, considerado como exemplar de sisudez e honestidade pelos seus contemporâneos, aceitasse os encômios que lhe dirigiam pela tragédia *Castro*, sendo ela não obra sua, mas dum estrangeiro? O famoso soneto de Diogo Bernardes é disso uma prova irrefragável. Veja-se:

Se Dona Inês de Castro presumira,
Que tinha o largo ceo determinado
Ser o seu triste fim tão celebrado
Co raro engenho da tua dóce lira,

Inda que de mais duros golpes vira
O seu tão brando peito traspassado,
Do corpo o triste sprito desatado
Leda, desta baixeza se partira.

Alegre-se no Ceo, pois que na terra
O seu nome por ti será famoso,
O qual já não lembrava em Portugal.

O teu estilo fez á morte guerra,
Ó dona Inês ditosa, o tu ditoso,
Que dando vida, ficas immortal (2).

Antonio Ferreira não só aceita estes elogios, mas responde ao admirador e amigo como que

(1) Cfr. vol. 1, pág. 103.

(2) É o n.º xciv das *Flores do Lima*.

enlevado ainda no « grande objecto », sentindo não ter interpretado em toda a sua eloquência a imensa dôr de D. Pedro. Assim escreve.

Bernardea, cujo espirito Apolo inspira,
Volve teu doce canto a mim mal dado
Ao grande objecto teu, que levantado
Por ti será a alta glória, a que já aspira.

Inda onde quer qu'está, chora e suspira
O triste lilante, em ver tão mal chorado
Seu doce amor, de que cá tão magoado
Não fartou d'agoa os olhos, peito de ira.

Isto só pede aos ceos qu'inda da terra,
Que a sua cinza esconde, um raiço claro
Nova luz traga á sua sepultura

E aclare a nuvem, que nos cobre e cerra
Aquella mal chorada fermosura,
Tã digna do amor no mundo raro (1)

Concluamos, pois, que todas as razões conspiram pela originalidade da *Castro*, que nunca, aliás, teria sido posta em duvida, se desde principio o problema tivesse sido examinado com o critério que mereciam o nome e a honra de Antonio Ferreira a quem, negada ela, se arrancava o melhor florão da sua corôa.

(1) E. o n.º xxv do livro 1.º dos *Poemas*. Na *Vida* que antecede a ed. de 1771 a pág. 33 este soneto é publicado com algumas variantes.

V

AS VÁRIAS EDIÇÕES DA « CASTRO ».
ALGUNS MESTRES DE FERREIRA

Da *Castro* existem as seguintes edições:

1.^ª — *Tragedia muy sentida e elegante de D. Inês de Castro, a qual foi representada na cidade de Coimbra. Agora novamente acrescentada. Impressa com licença por Manoel de Lyra, 1587, 8.º* Já nos referimos atrás a esta edição. Dela só se conhece um exemplar, hoje pertencente ao destintissimo historiador Sr. Gama Barros, parecendo ser o que existia na livraria de Ribeiro dos Santos, que depois passou à de Monsenhor Ferreira Gordo, e ao qual se refere Inocência F. da Silva (*Dic. Bibl.*, 1, 140), sem nunca, porém, ter logrado vê-lo. Dêle dá minuciosa descrição o sr. Visconde de Castilho no 1.º vol. que consagrou às obras do Poéta. (Pág. 248).

2.^ª — Como o texto de 1587, a que acabamos de nos referir, representa, por assim dizer, como já deixamos dito, um ensaio, um tentame para outro mais perfeito, mais correcto, é este que devemos tomar como base dos nossos estudos e das nossas apreciações, conquanto o primeiro, por óbvias razões, esteja longe de nos ser indiferente. Devemos, por

isso, reportar-nos à edição dos *Poemas Lusitanos*, onde foi inserido: — *Poemas Lusitanos do Doutor António Ferreira dedicados por seu filho Miguel Leite Ferreira ao Príncipe nosso Senhor. Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1598, 4.º, de IV-240 fls., numeradas só na frente.*

Com esta data de 1598 saiu uma edição suppositicia, que seria talvez do século xvii, segundo Inocência, com o que outro destino bibliográfico, que desta também raríssima edição possuía um exemplar — Jorge Cesar de Figniere — concordava, supondo-a posterior a 1670.

3.º — Fez-se segunda impressão das obras de Ferreira já adeantado o século dezoito como se vê: — *Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira: Segunda Impressão emendada, e accrescentada com a Vida e Comedias do mesmo Poeta, Lisboa, na Regia Officina Typografica, Anno MDCCLXXI. Com licença da Real Meza Censoria. À custa dos Irmãos Du-Beux, á Cruz de Pão.* Esta edição foi dirigida por Pedro José da Fonseca, que é também o autor da *Vida*, com que abre, embora em parte alguma elle seja mencionado.

4.º — Não é merecedora de grandes elogios a terceira impressão: *Poemas Lusitanos, Lisboa, 1829, na Typographia Rollandiana.* Inocência afirma que foi feita sobre a de 1598, e por isso mais correcta em alguns logares que a de 1771. Para demonstrar como esta ultima enferma

dalgumas incorrecções aponta o destinto bibliófilo a emenda do editor da palavra *pastura*, muito apropriada como referindo-se à « ver- dura da serra » que, roida, se queimava, para renascer de novo, para *postura*, que na realidade não faz sentido, merecendo, aliás, os gabos de António das Neves Pereira quando elogia o estilo de Ferreira no género pastoril (1). Quem se der ao trabalho de confrontar esta nossa edição com a de 1771 verá que alguns deslizes nesta se cometeram, o que prova que ela não segue rigorosamente a de 1598, com a qual a nossa é, sim, conforme em tudo.

5.^a — Uma edição integral das obras de Ferreira é a seguinte realizada no Brasil: — *Obras completas do Doutor Antonio Ferreira. Quarta edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do Poeta pelo Conego Doutor J. C. Fernandes Pinheiro, Paris, 1865, 2 vols.* Esta edição foi moldada pela de 1771 e cuidadosamente colacionada com a de 1598, conforme se lê no *Prefacio*. Mas não sei para que servio este trabalho de cotejo, visto que o destinto editor não emendou nenhum daqueles deslizes a que nos referimos e se introduziram na edição de 1771, como

(1) O termo vem na estância 4.^a (e não 6.^a, como diz Inoc.) de pág. 148 da ed. de 1771 e a critica de Neves Pereira no tomo v das *Mem. de Litt. da Acad. das Sciencias*, pág. 129 (e não 39 como escreve Inoc.).

escrevendo: *poz, socegar, quiçeste*, onde estava *pos, sossegar, quiseste*, além doutros, e do abuso das maiúsculas, que de modo algum se encontra na primeira edição de 1598. Fernandes Pinheiro no estudo que precede a sua edição defende concisamente a originalidade da *Castro*, carácter que estende igualmente ás duas Comédias *Bristo* e *Cioso*, no que nos não parece ter a mesma razão.

6.º — Devemos mencionar neste breve elenco das edições Ferreirianas a que empreendeu o Sr. Visconde de Castilho (Julio) nos vols. XI-XIII da « *Livraria Classica — Excerptos dos principaes autores de boa nota publicada sob os auspicios de S. M. F. El-Rei D. Fernando II, obra colaborada por muitos dos primeiros escriptores da lingua portugueza e dirigida por Antonio Feliciano de Castilho e Jose Feliciano de Castilho Barreto e Noronha* », Rio de Janeiro, 1875, que consagrou o vol. 1.º ao estudo biográfico litterário da Vida do Poeta, escrito naquella lingoagem de Mestre, que todos admiramos, e os vols. 2.º e 3.º ao extracto das obras mais formosas do illustre Quinhentista. « O systema seguido nesta *Livraria Classica* obriga nos, diz o illustre escritor, a dar sómente excerptos, não podendo portanto esta publicação ser considerada edição nova » (1).

(1) Pág. 260.

Vê-se, pois, que a nossa ed. é a sétima na ordem das que saíram da celebrada *Castro*, não contando a espúria, de que acima falamos. Moldámo-la rigorosamente pela edição de 1598 pelos motivos, que atrás deixamos expostos.

Uma nota interessante se colhe do título dessa edição autenticada, hoje, por um único exemplar. É a de que a tragédia foi « *representada na cidade de Coimbra* ». Ferreira procedera como Camões e como Sá de Miranda, que também compuseram as suas Comédias em Coimbra, onde naturalmente foram representadas.

Os ecos da Itália do Renascimento reproduziam-se em Coimbra, a famosa Atenas lusitana, em cujas ágoas santas do saber vinham retemperar-se todas as almas nobres e elevadas, que não se contentavam sómente com o fragor das armas. A paisagem dôce desta encantada terra havia de repercutir-se nos cambiantes mais diversos dos melhores espiritos, tais como o príncipe de todos, Camões, e Miranda, e Bernardes, e êste mesmo Ferreira, cujo poder lirico de evocação é simplesmente admirável.

Vinham atraídos pela fama das suas escolas, onde ensinavam os Gouveias, e Diogo de Teive, e Buchanan e todos quantos D. João 3.^o mandara chamar de Salamanca, Alcalá, Paris, Bordoos, das Frandes, de Itália e da Alemanha (1).

(1) Cenaculo, *Memórias histor do Minist do Pulpito*, pág. 124 e seg.; Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia história*, Dial. v, cap. iii, pág. 476 e segg.

Era natural que estes professores, que vinham animar com o seu saber a mocidade de Portugal, dêssem conta dos que melhormente se distinguiram nos seus respectivos países. Alguns dos que acudiam ao apêlo de D. João III eram insignes literatos e famosos humanistas, como êste escossês Jorge Buchanan (1506-1582), que dizia escrever as suas obras « *ut adolescentes a vulgari fabularum scenicarum contuetudine ad imitationem antiquitatis provocet* ». Nesse intuito não só traduzio, mas também compôs obras originaes: traduzio de Euripides *Alcestes* e *Medea* para versos latinos, e escreveu duas obras originaes: *Jephthes sive votum*, e *Baptistes sive calumnia* (1). Emilio Faguet, que analisou o entrecho da primeira destas obras, inspirada na narrativa biblica, escreve: « A *Jefte* é duma leitura agradabilissima. Depois dum prologo em versos elegantes, em que um anjo anuncia o assunto da peça, a exposição é feita a maneira clássica por uma conversação entre a filha de Jefte, Ifis, e a sua confidente Storgio. Com Buchanan nós já não estamos nas exposições por monólogos. Veremos que a tragédia de Jodelle e Garnier não é sempre um progresso, neste ponto, sôbre a de Buchanan. Ifis tem presentimentos dolorosos. Teve um sonho. E' pre-

(1) Vid. *Georgii Buchanani Scotti, Poëtarum sui seculi facile Principis, Opera omnia...*, Lugduni Batarum 1725, vol. 2.º, pág. 179-213 e 219-252.

ciso começar a habituar nos a isso: primeira tragédia clássica, primeiro sonho; e assim de seguida durante três séculos. Ifis vio, pois, em sonho uma ovelha despedaçada por lobos. Storgio consola-o. Um côro de raparigas faz subir ao ceo elegantes orações, um pouco triviais ».

A análise dos outros actos dá a mesma impressão desta tragédia sóbria, bem conduzida, bem delineada e, termina Faguet, *Jesté* era bem digna de servir de modelo aos trágicos do século XVI (1).

Haverá absurdo em supôr que uma individualidade de tam grande relevo, como Buchanan, a quem Florent Chrétien, um dos seus tradutores, chamou, aliás com exagero, o « príncipe dos poetas do nosso tempo », tivesse influido na direcção do teatro em Portugal, em Ferreira, na composição da sua *Castro*, talvez tambem em Sá de Miranda, autor duma tragédia, a *Cleopatra*, que se perdeu? Buchanan entrou em Portugal no ano de 1547 quando já havia composto as tragédias, que mencionamos. Em Bordeus, para onde fôra a convite de André de Gouveia, o mesmo que tambem o trazia para Portugal, é que o erudito escossês composera as suas tragédias. Era em 1539, vindo esses trabalhos a ser pu-

(1) *Le tragédie française au XVI siècle*, já cit., págg 76-81.

blicados muito mais tarde — a *Alceste* em 1557, *Jephté* em 1568, e *Baptista* em 1578.

A vida de Buchanan em Portugal foi cortada de sobresaltos após a morte de Gouveia, que foi logo no ano imediato ao da sua chegada, em 1548. Preso em 1549, entre as maiores vexações foi arrastando a existencia, até que se pôde achar a salvo com o primeiro navio que aportou a Lisboa e o conduziu para Inglaterra em 1552 (1).

Não era, como se vê, muito adequada a ensinamentos literarios semelhante intranquillidade de vida, mas os primeiros meses, frutuozos para os mais ávidos, não deviam passar-se em vão. E bastaria que um homem que assim possuia o conhecimento dos Mestres da Tragédia grega incutisse identico gosto no espirito dos que o ouviam para que a semente se não perdesse de todo.

Outro latinista insigne com quem Antonio Ferreira tratou foi Diogo de Teive, professor de humanidades, a quem dedicou a *egloga V* que denominou *Tevio* (2) na qual lhe chama

Novo Apollo, nova honra à sua memoria.

Dous pastores discreteam elogiando cada qual a sua amada em versos duma perfeição

(1) Cfr. a *Vita*, « ab ipso scripta biennio ante mortem », com que abre a ed. das *Opera Omnia*, já cit.

(2) No L. 1.º, pg. 174.

inexcedível. É Teive quem hade decidir entre a contenda dos dous. Diz Aonio, um dêles:

Tres foram sempre as Graças nomeadas,
Em quanto a minha Lilia não nasceo,
Tanto que Lilia ao mundo appareceo,
Por quatro são as Graças já contadas.

Responde-lhe o companheiro Vincio :

Nove do claro Sol foram chamadas
Sempre as irmãs, que o mundo conheceo ;
Tanto que Celia nos resplandeceo,
Por dez são já as irmãs do Sol cantadas.

E então que Teive intervem :

Cesse já dos Pastores de Arno a fama.
Doce me é vosso canto, e doce seja,
Meus Pastores, a quem mal vos desama.
Ambos iguaes no canto, inda ambos veja
Muitos annos cantar, e vejais cedo
A alma chea cada um do que deseja
Sem pender d'esperança, nem de medo.

Na *Carta* que dirige de Lisboa ao mesmo grande Mestre (1) lamenta-se de não o ter perto de si, saudoso da terra onde ele vive e onde lhe pede que continue a trabalhar

No teu verso latino nos renova
Ora outro Horácio, ora outro grande Maro
Na grave prosa Padua, Arpyno em nova.

(1) É a *carta IV*, Livro II, pg. 78 do t. 2.º

Ferreira estudou profundamente as musas latinas e gregas e deixou-se penetrar da sua inimitável beleza. Se elle não fôsse tam tardo em compor, queixando-se de que a veia nem sempre lhe decorria propicia, como a outros,

.....
 Eu — não sei que estrela ou maga
 A lingua me ata ; não sou de toda hora.

.....
 Por um momento, que em mim Phebo mora
 Mil dias se me esconde e desampara
 E inda bem me não chega, já vas fóra (1).

que belas, que formosissimas composições nos não deixaria, quer traduzidas, quer imitadas dos maviosos líricos gregos, como no-lo deixam adivinhar as elegias do *Amor Fugido* de Moscho e do *Amor Perdido* de Anacreonte (2), que não é possível exceder em graça, em concisão, em propriedade! —

VI

ALGUMAS CENSURAS FEITAS À « CASTRO ».

A SUPERIORIDADE DESTA TRAGÉDIA

Pela sua convivencia com estes grandes Me-
 tres, de quem hauro o saber e a inclinação

(1) Na *Carta IV* = *A Diogo de Teive* o, t. 2.º, pg. 80

(2) Tomo 2.º, pg. 140-142

para o gôsto classico, Ferreira, a quem não podiam desta fôrma ser desconhecidas as tentativas da tragédia vasada nos moldes dos grandes poetas gregos e latinos, que se vinham fazendo de ha muito, como vimos, em Itália, e que tinham o seu éco em Portugal, foi superior ao que via em volta de si e o podia inspirar directamente.

Os factos na sua trágica simplicidade eram estes.

D. Pedro era o herdeiro do trôno, como filho único de D. Afonso IV. Nascera em 1320 e em 1336 casára com D. Constança Manoel, filha do poeta-fidalgo, grande senhor da Espanha, D. João Manoel. O enlace provocado e realizado fôra de todas as seducções do coração depressa arrefeceu, e D. Pedro, vivo e impetuoso, não desfitou uma dama que viera na companhia de D. Constança, notável pela sua gentileza e pela sua formosura, o «colo de garça» como a apelidavam. Era D. Inês de Castro, filha de D. Pedro Fernandez de Castro, mordomo-môr de Castela, herôï na batalha do Salado, e irmã de Alvaro Perez de Castro, que depois foi 1.º Condestável de Portugal. A mágoa íntima de que se possuiria a rainha quando veio a perceber o motivo do afastamento do marido! Era a sua dama de honor, a sua companheira, a sua confidente, a sua amiga, que lhe roubava o coração do esposo, e irremediavelmente, pois a frieza era manifesta para ela. Os amores de D. Pedro e

D. Inês tornaram-se patentes a todos, e foi numa longa expiação que D. Constança arrastou os dias da existência breve pois morreu com 21 anos! (1).

Após este lugubre successo D. Pedro ficara livre e podera entregar-se totalmente a sua paixão. E é neste inebriamento, nesta obnubilção de toda a sua alma, que surgem as figuras sinistras dos enredadores do paço, dos aulicos conselheiros que em nome dos interesses do Estado arrastam D. Afonso IV a consentir vagamente no assassinato da amada de D. Pedro. É esse crime, que ficara eternamente gravado nas páginas da história da nossa terra, cometeu-se.

Como interpretou António Ferreira, dentro da atmosfera do seu tempo e do seu meio, estes acontecimentos?

Aqueles criticos que exigem que elle visse as cousas a outro prisma, apontando lhe defeitos até de lingoagem e o « emprêgo de locuções por demais familiares e incompatíveis com a gravidade tragica », que queriam que elle tivesse introduzido outro andamento, novas scenas, mais personagens, e fazem ver quanto a tragedia ganharia com tais ou tais modificações, por exemplo, com o encontro de D. Pedro

(1) A fina sensibilidade de Eugénio de Castro aproveitou todo o efeito que a sua musa podia arrancar a este doloroso drama e deu-nos o poema em versos soltos *Constança*, Coimbra, 1906, 1 vol.

e D. Inês, — o que nunca se dá — (1), com outro desenho de D. Afonso IV, que classificam de personagem « ignobil » e que até — quem o diria! — censuram a introdução de lindos trechos líricos intermeiados na acção, que a entibiam, no seu modo de ver, e lhe impossibilitam a representação, tais críticos não teem razão alguma e esquecem a obrigação de remontar à época e circunstâncias, em que o trabalho foi executado. E' uma insensatez.

E' querer que António Ferreira delineasse e realizasse a sua obra, como o fez, por exemplo, o Sr. Poizat escrevendo a sua *Inês de Castro* para ser representada no teatro de Paris no ano da graça de 1912.

Não. A obra de Ferreira não é impecável, naturalmente, mas a lingoagem dêle é a lingoagem do seu tempo, acomodada à cultura e educação das personagens, que a empregam. Classificar de cacofonia o *alma minha*, de expressão menos decorosa *tetas*, de termos obsoletos *fuge*, *despide*, etc., é um contrasenso, porque a lingoagem não se inventa, nem se emprega ao sabor de cada um. E se se reconhece esta afirmação como um truismo, porque se hade continuar a apontar como um defeito o que o não é? « Nenhum escritor, diz o velho biógrafo, por mais elegante que seja, se

(1) O reparo vinha de longa, pois é feito já por Garrett, no *Bosquejo da história da lingua e poesia portuguesa*, (Obras completas, xxi), pág. 13.

pós jámais a salvo d'este inevitável risco: e quando estes termos, que os nossos ouvidos presentemente estranham, fôram pelos melhores autores contemporâneos empregados em assuntos igualmente sublimes, como o eram ao certo todos os do nosso Poeta, qualquer censura ficará sendo indiscreta e injusta » (1).

Isto quanto a linguagem, quanto ao estilo. Pelo que respeita ao desenho dos caracteres o que oferece ensanchas a censura é, sobretudo, o de D. Afonso IV, « odioso e até ignóbil ». Assim devia ser, assim tinha de ser. Do monarca dependeu em um dado momento a vida da « misera e mesquinha ».

Mas o assassinio de D. Inês é apresentado na tragédia não como um crime vulgar, não como a explosão duma paixão individual, mas como o factor indispensável à tranquillidade e à paz dum povo inteiro. O monarca sente-se dominado pela mocidade e beleza de D. Inês. Diante daquela frágil creatura, que um grande amor sublima, o seu coração não é duma sensibilidade petrificada. Vê-a dócil, submissa, aniquilada. Os filhinhos rodeiam-na. E na imensidade da sua dôr não é já de si que ela trata, não é mesmo de si que se preocupa, mas é apontando para o destino do seu amado, que pede ao rei que a poupe:

sinto aquella morte triste e dura
Pera ti e pera o Reino que tam certa

(1) Vida das Obras, ed. 1771, pág. 31.

Vejo naquele amor, que esta me causa
 Não viverá teu filho, dá-lhe vida
 Senhor, dando-ma a mim...

Esta nota é perfeitamente exacta e atinge pela sua verdade e pela intensidade psicológica a grandeza do sublime. Assim mesmo se exprime *Inês* na obra de Poizat, o finíssimo dramaturgo francês da actualidade:

Ce n'est pas sur ma mort, que je verse des pleurs,
 Sire, puisque aussi bien c'est pour lui, que je meurs.
 Et ce me serait même une joie assez grande
 De pouvoir, de ma vie, ainsi, lui faire offrir.

.....
 Seigneur, écoutez :

Si j'adresse un appel suprême à vos bontés,
 Ce n'est point que mon âme, encore jeune, s'enivre
 De la lumière, sous laquelle il fait doux vivre,
 Ou que j'attende ni richesses, ni profits.
 Ce n'est point, comme épouse, hélas ! de votre fils,
 Et ce n'est pas non plus, pour la douleur amère
 De laisser mes petits enfants privés de mère.
 Non, c'est parce qu'il est deux êtres, dont le cœur
 Est ainsi fait, que l'un mourra, si l'autre meurt ;
 Deux luths, si justement accordés, que personne
 Ne saurait blesser l'un, sans que l'autre résonne.
 Enfin, Seigneur, enfin, sauvez-moi du trépas
 Pour que votre Pedro, du moins, ne meure pas (1).

É que o coração humano foi sempre o mesmo através de todas as idades. *Inês* de

(1) A. Poizat, *Sophonisbe, tragédie... suivie de Inês de Castro et de Méléagre et Atalante*, Paris, 1913, pg. 108.

Castro ama D. Afonso como amam as grandes almas enlevando-se e consumindo-se na propria chama, que atearam.

Quando o *Côro* vem dar a D. Inês a noticia da sua morte haver sido resolvida e começa

Triste novas, cruéis
 Novas mortais te trago, D. Ines,
 Ah contada de ti, ah triste, triste!
 Que não mereces tu a cruel morte
 Que assi te vem buscar

um só pensamento a domina, e por isso não é na sua propria morte que pensa. Ao dizer-lhe o *côro*

... He tua morte.

retorquiu immediatamente:

He morto o meu senhor? o meu Ifante?

Antônio Ferreira conduziu bem o entrecho dramático e maravilha até que, sem modelos, sem guias, além dos que lhe oferecia a arte grega e latina, e escassamente o teatro moderno na obra de Trissino — se é que elle a conheceu —, tivesse realizado obra tam perfeita (1). D. Afonso IV luta entre os sentimentos de homem e os deveres de rei, e chega a maldizer a sorte que em tal situação o collocou. Todos lhe gritam que se trata da salvação do pais,

(1) Garrett, *Bosquejo da hist. da poesia e lingua portug.*, (*Ob. completas*, 331), pág. 12.

que a morte dessa mulher dará ao reino a paz em vez da guerra, o sossego e o bem estar em lugar da revolução. Instigado pelos seus conselheiros a assegurar a salvação publica, escreve Sismondi, pela morte duma mulher, não inspira já nem horror, nem repugnância; elle mistura à sua fraqueza um carácter de dignidade e de bondade; e quando cedendo a conselhos que lhe repugnam deplora as misérias da realza julgar-se hia reconhecer em Ferreira a lingoagem de Alfieri » (1).

Eu dou mais pelos elogios de Sismondi do que pelas censuras de Bouterweck. A obra de Ferreira está definitivamente consagrada como uma das mais belas da Literatura Portuguesa, de que é flagrante testemunho o periodo transcorrido, que, repetimo-lo, lhe não empanou nem o brilho, nem a formosura.

MENDES DOS REMÉDIOS.

(1) *De la littérature du Midi de l'Europe*, 4.^o vol., pág. 310.

CASTRO

TRAGEDIA

PESSOAS DA TRAGEDIA

CASTRO

AMA

CHORO DAS MOÇAS DE COIMBRA

INFANTE D. PEDRO

SECRETARIO SEU

ELREY D. AFONSO III

PERO COELHO

DIOGO LOPES PACHECO

MESSAGEIRO

ACTO I

CASTRO AMA CHORO

CASTRO

Colhey, colhey alegres,
Donzellas minhas, mil cheirosas flores.
Tecey frescas capellas
De lyrios, e de rosas; coroay todas
As douradas cabeças.
Espirem suaves cheiros,
De que s'encha este ar todo.
Soem doces tangeres, doces cantos.
Honray o claro dia,
Meu dia tam ditoso! a minha gloria
Com brandas liras, com suaves vozes.

AMA

Que novas festas, novos encantos pedes!

CASTRO

Ama, na criação ama, no amor mãy,
Ajuda-m'ao prazer.

AMA

Novos extremos vejo.
Nas paiavras prazer, agoa nos olhos.
Quem te faz juntamente leda, e triste?

CASTRO

Triste não pode estar, quem vêa alegre.

AMA

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

CASTRO

Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

AMA

Lagrimas sinaes são da má fortuna.

CASTRO

Tambem da boa fortuna companheiras.

AMA

A dor são naturaes.

CASTRO.

E ao prazer doces.

AMA.

Que força de prazer tas traz aos olhos?

CASTRO.

Vejo meu bem seguro, que receava.

AMA.

Que novo caso foy? que bem te veo?

Porque me tens suspensa?

Abre-me já, Senhora, essa alma tua.

O mal s'abranda, o bem contando-o cresce.

CASTRO

Ó Ama, amanheceo-me hum alvo dia.

Dia de meu descanso. Sofre hum pouco

Repetir de mais alto a minha historia,

Em quanto o sprito lédo co a lembrança

De seu temor, de que já está seguro,

Ajunta ao mal passado o bem presente.

Daquelle grande Afonso forte, e sancto

Por poderosa mão de Deos alçado
Entre armas, ant'ímigos o Real cetro
Do grande Portugal, que inda está tinto
Do sangue de infiéis por seu bom braço,
Por legitima herança rege, e manda
O bom velho glorioso da victoria,
E nome do Salado, Afonso Quarto,
Dos Reys de Portugal setimo em ordem,
Filho do grande Dinis, de Isabel sancta,
Ambos já no alto ceo claras estrellas.
Cuja alta casa, e acrescentado Imperio
Pelos grandes avós, espera alegre
Seu desejado herdeiro o Ifante Pedro,
Meu doce amor, minha esperança, e honra.
Sabes como, em saindo dos teus braços,
Ama, na viva flor da minha idade,
(Ou fosse fado seu, ou estrella minha)
Cos olhos lhe acendi no peito fogo,
Fogo, que sempre ardeo, e inda arde agora
Na primeira viveza inteiro, e puro.
Por mim lhe aborreciam altos estados.
Por mim os nomes de Princesas grandes,
Por tam grande me avia nos seus olhos.
Hum tempo duro, mas em fim forçado
Deu a Costança a mão, Costança aquella
Por tantas armas, e furor trazida,
Já quasi do seu fado triste agouro :
Deu a Costança a mão, mas a alma livre,
Amor, desejo, e fé me guardou sempre.
Quantas vezes quisera honestamente
Podê-la dar a mim ! quantas mais vezes
S'arrependo depois de se ver preso !
Não lhe apagou o amor a nova esposa ;
Não o tam festejado nascimento
Do desejado parto : antes mais vivo
Co tempo, e co desejo ardia o fogo.
Que fará ? se o encobre, então mais queima.
Descobri-lo nam quer, nem lhe he honesto.

Mas quem o fogo guardará no seo ?
 Quem esconderá amor, que em seus sinaes
 A pezar da vontade se descobre ?
 Nos olhos, e no rosto chamejava.
 Nos meus olhos os seus o descobriam.
 Suspira, e geme, e chora a alma cativa
 Forçada da brandura, e doce força,
 Sogeita ao cruel jugo, que pesado
 A seu desejo sacudir deseja.
 Não pode, não convem: a furia cresce.
 Lavra a doce peçonha nas entranhas.
 Os homês foge, foge a luz, e o dia.
 Sô passeia, só fala, triste cuida
 Castro na boca, Castro n'alma, Castro
 Em toda parte tem ante si presente.
 Elle á molher cuidado, eu odio, e ira.
 Arde o peïto a Costança em furor novo.
 Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.
 D'antiga Casa Castro em toda Hespanha,
 Já dantes do Real cetro deste Reyno
 Por grande conhecida, inda meu sangue
 Do Real sangue seu tinha grã parte.
 Mas inda á natureza dobram força,
 Arte ajuntando, e manha: el Rey ao neto
 Por madrinha me dá, comadre ao filho.

AMA.

Cegos, que quanto mais vedam, mais chamã.
 Cresce co a força Amor: e o que á vontade
 Se faz mais impossivel, mais deseja.

CASTRO.

Em fim, fortuna, que me já chamava
 Esta gloria tam grande, quebra o no
 Daquelle jugo a meu amor contrario.
 Leva ante tempo a morte a llante triste.
 Herdo eu mais livremente o amor constante,
 Que a mim se entregou todo, e todo vive

Na minha alma, onde está seguro e firme,
 Já com doces peribóres confirmado.
 Mas o sprito inquieto cós clamores
 Da povo, e rugos graves, que trabalham
 Apartar est' amor, quebrar sua força,
 Me traziam medrosa receando
 A volta da fortuna, que hora amiga
 Hora imiga cruel alca, e derriba;
 Que sempre do môr bem, môr mal promete
 Falsa, inconstante, cega, varia, e forte.
 Lagrava como a medo os meus amores.
 Criava o grande amor desconfiança:
 E a consciencia errada sempre teme.

AMA

Quem te segurou já? quem novo sprito
 Te deu aos temores?

CASTRO

O meu medo.

AMA

Contrarias cousas falas.

CASTRO

O medo ousa

As vezes mais que o esforço: tomo os filhos
 Co as lagrymas nos olhos, rosto branco,
 A lingua quasi muda, em choro solta
 Ant' elle assi começo: meu Senhor,
 Soam me as cruéis vozes deste povo,
 Vejo del'Rey a força, e imperio grave
 Armado contra mim, contra a constancia,
 Que em meu amor tegora tens mostrado.
 Não receo, Senhor, que a se tam firme
 Queiras quebrar a quem n tua alma deste;
 Mas receo a fortuna que mais possa
 Com seu furor, que tu com teu amor brando.

Por estas minhas lagrymas, por esta
 Mão tua, que em sinal de fé me deste,
 Pelos doces amores, doce fruto,
 Que delles tens diante, se me deves
 Amor igual ao meu, ou se algũ'hora
 Fui a teus olhos vista alegre, e doce,
 Me segures, me guardes, me conserves
 Contra os duros mandados de teu pay,
 Contra importunas vozes dos que podem
 Mudar a caso teu constante peito.
 Ou quando minha estrella, e cruel genio
 Te poder arrancar dest'alma minha,
 Com teu armado braço envolta em sangue
 M'arranques deste corpo, que não veja
 Tam triste dia, tam cruel mudança ;
 Eu tomarey por doce a minha morte:
 Por piadoso amor, tal crueldade.

AMA

Moveste-me a alma, e os olhos.

CASTRO.

Assi disse. Elle então lançando os braços
 Estreitamente em mim, mudado todo
 Em vão trabalha de encobrir a mágoa
 De meu temor, e lagrymas. E pôde,
 Ó Dona Ines, me diz, pôde teu peito
 Conceber tal receo? aquelle dia
 Primeiro, que te vi, não mostrou logo
 Que esta minh'alma á tua só se deve?
 Por ti a vida me he doce, por ti espero
 Acrecentar imperios; sem ti o mundo
 Duro deserto me pareceria.
 Não poderá fortuna, não os homês,
 Não estrellas, não fados, não planetas
 Apartar-me de ti por arte, ou força.
 Nesta tua mão te ponho firme, e fixa
 Minh'alma; por Illante te nomeo,

Do meu amor Senhora, e do alto estado,
Que me espera, e teu nome me faz doce.
O grande movedor dos ceos, e terras
Invoco, e chamo aqui: o alto ceo m'ouça,
E meu intento sancto approve, e cumpra.

AMA

Entendo o teu prazer, as tuas lagrymas.
Tambem de prazer choro: tam contraria
Nos he sempre a alegria, que inda toma
Lagrymas emprestadas á tristeza.

CASTRO

Já não temo fortuna, já segura,
E lida vivirey.

AMA

No Real sprito

Não se deve esperar leve mudança.
Ajuda tua estrella co bom siso.
Muitas vezes a culpa empece ao fado.
Prudencia, e bom conselho o bem conserva:
A soberba o destrue, e em grã mal muda.

CASTRO

Rege tu, ama minha, este meu peito.
O subito prazer engana, e erra.

AMA

Encobre teu segredo.

CASTRO

N'alma o tenho.

AMA

Deos to conserve.

CASTRO

Humilde aos ceos o peço.

INFANTE CHORO

Poderoso Senhor, grã pay do mundo,
Cujó poder immenso, altas grandezas
Cantam os ceos, a terra, os elementos,
A cujo aceno treme a redondeza,
A cujo querer nada he impossivel,
Fortalece meu peito, arma-me todo
De paciencia igual á dura afronta.
Sossega os alvoroços deste povo,
A furia de meu pay, que em vão trabalha
Arrancar-me minh'alma donde vive.
Sou humano, Senhor: tentações grandes
Vencem animos fortes.
Ferve o sangue, arde o peito, cresce me ira
Contra quem me persegue: tu me amansa.
Não poderey sofrer, não poderey
A dura pertinacia, o cruel odio,
Que ao meu doce amor mostram.
Vence a dor a razão: vence Amor força.
Tu conserva, alto Deos, a prometida
Fé, a quem já de lá dar ma mandaste.
Tudo de ti procede: sem ti nada
Se move cá na terra. Quem entende
Teus meos, e teus fins, e teus segredos?
Quantas vezes mal he, o que bem parece!
Quantas vezes o mal causa bens grandes!
Quanto tempo sofreste o grande Afonso
No nome de Bolonha celebrado,
Que novas torres ajuntou as Quinas,
Dura força fazendo ao matrimonio,
Contr'as divinas leys, contra as humanas!
Quem então não chorava a crueldade
Contra o primeiro amor? e quem calava
A dura pertinacia do segundo?
Mas tu querias dar ao mundo o grande,
Forte, prudente, e sancto, hum só Dinis,
Paz, e concordia entre altos Reys, q̃ Reynos
Deu e tirou, em armas claro e em letras.

Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,
 Porque do meu amor tam mal julgado
 Nam esperarey grandezas? velas ey,
 Velas ey de ti, Castro; vive leda,
 Vive segura, lança os medos fora,
 Que antes morte, que vida sem ti quero.

CHORO

Não he desculpa ao mal, outro mal grande.
 Quam danoso he no mundo hũ máo exemplo!
 Mas não pôde assi ser a Razão cega,
 Que o que reprende em outro, em si o aprove.
 Cada hum levar se deixa da vontade.

SECRETARIO IFANTE CHORO

Quem ajuntar poder com agoa o fogo,
 Quem misturar co dia a noite escara,
 E quem o máo peccado com a virtude,
 Este no amor ajuntará razão,
 Este em falsa honra a lealdade.
 Hum o amor não sofre, outro a virtude.
 E eu destes ambos venho agora armado,
 Não sey se poderey vencer com elles.
 S'algum spito bom me quisesse hora
 Ajudar lá dos ceos, e aqui acabasse
 Esta vida; que fim mais glorioso
 Que pôdos ceos deixar a baixa terra,
 Antes que por temor honra, e verdade?
 Aquelle he que lá veio pensativo,
 Deos m'inspire que diga sem temor.
 Confiança ha mister, e animo livre
 Quem quiser resistir ao máo proposito
 Do Principe, em que está determinado.
 Mas deixar de o fazer he vil fraqueza.

IFANTE

Que dirás, Secretario, a tam grã força
 Como querem fazer a esta minh'alma?

SECRETARIO

Senhor, mas antes querem dar-ta livre
 Donde está tam forçada, e tam cativa.

IFFANTE

Arrancam-me as entranhas, que me querem?
 Esta gente que quer, que assi me mata?

SECRETARIO.

Querem-te só, e procuram-te tua honra.
 E quebrar daqui as asas a fortuna,
 Que contra ti não tenha nunca forças.

IFFANTE.

Mas antes lhas vão dando quanto podem,
 Procurando apartar-me donde vivo.

SECRETARIO.

Se te visses, Senhor, verte-yas morto;
 Verte-yas cego: em quanto homem não vive
 Com su'alma propria, pode a tal ser vida?

IFFANTE

Tambem tu me persegues? tambem vês
 Afiado cortar-me estas rayzes,
 Que no meu peito já tam firmes tenho?

SECRETARIO

Piadosa obra faz ao que está preso
 Quem as prisões lhe corta, e as más cadeas?
 Oh clarissimo Infante meu Senhor,
 Muito ha que me conheces, teus segredos
 De mim com razão sempre confiaste.
 Nunca te descobri as zombarias,
 Nunca descobrirey o menor delles.
 D'húa parte me tens por secretario,
 Mas d'outra me has de ter por conselheiro.
 Comprirey eu contigo, e co que devo:

Então venha tua ira, que eu não quero
Melhor morte, que aquella, que de infamia
Levra a vida, e a alma de perigo.
Não vês, Senhor, que o Sol, se escurecesse,
Quanto cobre, e descobre, ficaria
Tão triste, e escuro, como agora claro?
Pois tal he o bom Príncipe: Sol nosso,
Com cuja luz nos vemos, e seguimos
A justiça que aos ceos nos vay levando.
Se s' esta em ti perder, onde a acharemos?
Quem a virtude segura, quem honra?
Abateres te assi de Príncipe alto
A pensamentos baixos, que s' estranham
Nos homens baixos, parecer te pôde
Grandeza de ti digna? e do que deves
A este estado tam alto, que te espera?

INFANTE.

Quem tam livre te faz, e tam ousado?

SECRETARIO.

Amor, e lealdade esta ousadia
Me dão; dá ma a Razão, que tem tal força,
Que inda que se não siga, não se nega.
Lá dentro em ti te vejo estar sentindo
Em teu animo Real, e generoso
Quasi húa reverencia, a que te move,
Inda que com desgosto, a sam verdade.
Não me queres ouvir, mas bem me julgas.
Môve-te o zelo honesto, a fé tam pura.
Deixa-te reprender de quem bem t'ama,
Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.
Não recebas coganos de quem teme,
Ou desceja, ou espera, a custa tua,
De tua honra, e dos teus, que a tantos mata.
Louvas tu, ou alguém louvará aquelle,
Que podendo illustrar a gloria antiga
De seus passados com mor honra, e fama,

Não somente o não faz, mas escurece
Daquelle luz antiga o claro rayo?

IFFANTE.

Mas antes não viver merecia esse,
Antes não ser nascido: que a Aguia vemos
Os filhos engeitar, que ao Sol não olham.

SECRETARIO.

E que dirás, que julgarás daquelle,
Que em vez de se armar bem contr'a fortuna,
Causas anda buscando de a ter sempre
Contraria a sua vida, e seu estado?

IFFANTE.

Quem não teme a fortuna, e não procura
De contr'ella se armar, tê la a imiga,
Que aos que se lhe mais dão, sempre persegue.

SECRETARIO.

Julgas-te a ti mesmo.

IFFANTE.

Em que? ou como?

SECRETARIO.

Aquelle claro sangue, aquelle nome
Heroico, tam alto, e em todo o mundo
Honrado, e conhecido dos Reys grandes
De cujo tronco vens, não fica escuro
Misturado com outro diferente
Dos que forem nascidos, e criados
Pera humildes sofrerem teu Real jugo,
Obedecendo ao Imperio, e aos acenos?
Depois disto não vês o grã desprezo,
Em que serás aos teus? o grã perigo
Em que pões este Reyno, co a soberba
De poucos, que ergues tanto, e tanto podem

Com teu favor, que mostram já desprezo
 A quem devem mostrar acatamento?
 Que cousa mais destrue o Rey, e Reyno?
 Que cousa cria mor desprezo, e odio
 Que vê lo sogear se a cousas baixas?
 Que vê lo ser mandado de seus vicios?
 Com que rosto, Senhor, darás castigo
 Aos que assi commetterem, o que commettes?
 Como conservarás a obediencia
 Sancta devida aos paes, pois tu a negas
 Aos teus no que te pedem justamente?
 Memoria deixarás de mão exemplo
 A teus filhos: darás licença larga
 A Reys, que isto souberem: ao mundo causa
 D'escurecer teu nome pera sempre.
 De hum mal vê quantos males nascem logo:
 Todos sobre ti caem: Senhor, vê te.
 Conheces te melhor, entra em ti mesmo.
 Verás então o porque te importunam,
 O que te pede cifer, o que teu povo.

CORO

Conselheiro fiel, ousado, e forte
 Feriste cõ a razão a alma, que dura
 Os olhos em vão cerra.

INFANTE

Eu não sou, nem fuy nunca qual me julgas,
 Ou qual me julgaes todos. Outros olhos
 Diferentes dos vossos são os meus,
 Com que me vejo, e vejo que o que faço,
 Não he tamanho mal, como vos vedes.
 Eu não faço erro algum: sigo o que o sprito
 Me diz, e me revela, a quem eu creio.
 Cos Principes tem Deos outros segredos,
 Que vos não alcançaes, e como cegos
 Nos juizos erraes de seus misterios.
 Ohay esta mulher, vede o que ha nella.

D'hum sangue nos formou a natureza :
 Real he, de Reys vem, de Reys he digna.
 Do mundo quisera eu ser só monarcha
 Monarcha de mil mundos, pera todos
 Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.
 Muy baixa me parece esta coroa
 Pera aquella cabeça. Olha o que mando :
 Tu jámais me não falles em tal cousa.
 Meus duros pays não curem de cansar-me ;
 Porque nem posso nisso obedecer-lhes,
 Nem em o não fazer desobedeço.
 Arranquem-me a vontade deste peito,
 Arranquem-me do peito est'alma minha,
 Entam acabarám o que começam.
 Não cuidem que me posso apartar donde
 Estou todo, onde vivo : que primeiro
 A terra subirá onde os ceos andam,
 O mar abrasará os ceos, e terra,
 O fogo será frio, o sol escuro,
 A lua dará dia, e todo mundo
 Andará ao contrario de sua ordem
 Que eu, ó Castro, te deixe, ou nisso cuide.
 Dey-te alma, dey-te fé, guardá-la-ey firme.
 Confio isto de ti, não mo descubras.

SECRETARIO.

Oh Senhor, que me matas ! Deos quisera
 Que nunca merecêra honra tamanha.
 Pois me põem em perigo de deshonra.
 Seguir tua vontade, he destruir-te,
 Destruyr este Reyno, e teu pay triste :
 Querer-te apartar della he impossivel.

IFFANTE.

Sigue minha razão, minha vontade.

SECRETARIO.

Não te vejo razão, vejo vontade.

IFFANTE

Sigue a vontade, que forçar não podes.

SECRETARIO

Manda-me o que te devo que a não siga.

IFFANTE

Queres mandar teu Principe ?

SECRETARIO

Mas sirvo.

IFFANTE

Obedece ao que quero.

SECRETARIO

Manda o justo.

IFFANTE

Deos só me julga.

SECRETARIO

E a razão te obriga.

IFFANTE

Livre á de ser hum Principe.

SECRETARIO

Cativo

He, quem de si se vence.

IFFANTE

Inda importunas ?

SECRETARIO

Se te não conselhar, meus são teus erros.

IFFANTE

Eu te livrarey delles.

SECRETARIO

A Deos temo.

Tu no corpo só podes, elle n'alma.
 Eu aconselhar-te posso, forçar não.
 Testemunha me he Deos: e tu tambem.
 Amor em ti só reyna, amor te manda
 Peçonha doce d'alma, d'honra, e vida.
 Mas porque te não movem tantos choros
 Da Raynha tua mãy? os tantos rogos
 D'elRey teu pay? os tam leaes conselhos
 De quantos a teus pés estão lançados,
 Pedindo-te piedade deste Reyno,
 Que ameaçado está assi da fortuna?
 Não te declararás por honra tua,
 E prova pera o mundo, que t'infama
 Com nome de peccado pertinaz?
 Eu choro de assi ver hũa molher fraca
 Mais forte contra ti, que quantas forças
 De Deos, do mundo estão por ti tirando.

IFFANTE.

Ó perseguição forte, ó odio estranho!
 Ó duros fados todos conjurados
 Cos ceos, e com as estrellas a perder-me!
 Que me quereis? que sem razão vos faço,
 Homês d'entranhas séras, e danadas,
 Em ter igual amor a quem mo tem?
 A quem he tam devido? quem o mundo
 Todo merece ter, e inda he pequeno?
 Homês, que procuraes meu mal, e morte,
 Vede bem o que eu vejo: que alto imperio
 Daquelle Real rosto não será
 Honrado e acrecentado? aquelle rosto,
 Que tanto aborreceis, que mundos pede!
 Que estados, que grandezas, que triumphos!
 Em corpo tam fermoso a fermosa alma
 Tam sancta, tam honesta, casta, e pura
 Que tacha podeis dar? ou que virtudes,

Que graças das mais raras, e excellentes
Não achareis em tudo, quanto mostra?
Pode ser mais cru odio, e mais injusto?
Pode ser mor inveja, e mais sem causa?

CHORO.

O quam perigoso he qualquer principio
De mal, que hum só descuido pode tanto,
Que traz hum animo alto a tal baixeza!

IFFANTE.

Para onde fugirey, porque me deixem?

SECRETARIO.

De ti ás de fugir, por teu remedio.

IFFANTE.

Não me valerá já ver que não posso?

SECRETARIO.

Tu mesmo te poseste em tal fraqueza.

IFFANTE.

Não quero, nem desejo arrepender-me.

SECRETARIO.

Acrecentas o erro co a vontade.

IFFANTE.

S'he erro, como dizes, não ouve outros?

SECRETARIO.

Ouve, mas todavia foram erros.

IFFANTE.

Desculpem me outros Reys, e Emperadores.

SECRETARIO.

Como o farám, pois a si não podéram?

IFFANTE.

Não me persigas mais.

SECRETARIO.

O mal persigo.

IFFANTE.

Hum Principe de hum Reyno tam cativo
A de ser, que não faça o que costuma
Qualquer do povo seu?

SECRETARIO.

Hum Principe antes

À de ter seu sprito tam alçado
Da terra, que della erga o pensamento
Ao baixo povo seu, pera que o siga.
Sprito á de ser puro: hum ouro limpo,
Sem fezes, e sem liga: exemplo claro
De fortaleza, mansidão, e justiça.

IFFANTE.

Vay-te diante mim, fuge minha ira.

SECRETARIO.

Quem governará hũa vontade livre,
Que outro Senhor não tem, senão a si mesma?

CHORO I.

*Quando Amor nasceo,
Nasceo ao mundo vida,
Claros rayos ao Sol, luz ás estrellas.
O ceo resplandeceo,
E de sua luz vencida
A escuridão mostrou as cousas bellas.
Aquella, que subida*

Está na terceira esfera,
 Do bravo mar nascida,
 Amor ao mundo dá, doce amor gira.
 Por amor sorna a terra
 Diagoas, e de verdura,
 As arvores da folhas, cor as flores.
 Em doce paz a guerra,
 A dureza em brandura,
 E mil odios converte em mil amores
 Quantas vidas a dura
 Morte desfaz, renova:
 A fermosa pintura
 Do mundo, Amor a tem inteira, e nova.
 Ninguem tema seus fogos,
 E chãmas furiosas.
 Amor he tudo, amor suave, e brando,
 Sogeito a brandos rogos,
 As agoas amorosas
 Dos olhos com brandura está alimpando,
 Douradas, e fermosas
 Setas n'aljaba soam
 A vista perigosas;
 Mas amor levam, dos amores voam.
 Amor em doces cantos,
 Em doces liras soe,
 Tu ue seu brando nome est'ar sereno.
 Fugam magoas, e prantos,
 O lido prazer voe,
 E claro o rio faça, o valle ameno.
 No terceiro ceo toe
 D'amor a doce lira,
 E de lá te coroe
 Castro, d'ouro o grã Deos, que amor inspira.

CHORO II

Antes cego Tyrano
 Das poetas fingido,
 Cruel desejo, e engano,

Deos de vam gente, de ocio si nascido.
Geral estrago, e dano
Da gloriosa fama,
Com sua seta, e chama
Tirando a toda parte
Ardendo fica Apollo, ardendo Marte.
Vay pelos ares voando;
Arde cá toda a terra,
E d'aljaba soando
O tiro empece mais, quanto o mais erra.
Tem por gloria yr juntando
Estados differentes:
Os mais convenientes
A Amor, e iguaes aparta.
Nunca de sangue, e lagrymas se farta.
No tenro, e casto peito
Da moça vergonhosa,
Tempo esperando, e geito,
Entra com força branda, ou furiosa.
O fogo já desfeito
Da cinza outra vez cria,
No frio sangue, e fria
Neve outra vez se acende.
Dos olhos no meo d'alma o rayo prende.
Dali sua peçonha
Vay por todas as veas.
A alma dormente sonha
Em seu engano, e tece doces teas.
Foge a casta vergonha.
Foge a constancia forte.
Entra tristeza e morte
Debaixo de brandura,
Que a razão mata, o coração endure.
Quem a ferrada maça
Ao grande Alcides toma?
E quer que assi aos pes jaça
Da moça, feito moça, quem liões doma?
Quem da espantosa caça

Os despojos famosos
Lhe converte em mimosos
Trajos de Damas, e o uso
Das duras mãos lhe põem no brando fuso?
Jupiter transformado
Em tam varias figuras,
Deixando desprezado
O ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!
Poderosas branduras,
Que assi as almas convertem
No que amam! assi sovertem
Por manha a grande alteza
Do sprito, que s'enterra em vil fraqueza!
De que outro fogo ardia
Das Teucros a alta gloria?
De que deixou historia
Tam triste ao mundo Hespanha a forte, e pia?
Amor cego vencia.
Amor cruel matava.
Hum moço triumphava
De tanto sangue, e vidas
Por um vão appetite mal vendidas.
Ditoso, ó quam ditoso!
Quem o seu peito armou
Contra o rayo furioso:
Ou em alcanão as chammas o apagou!
Poucos, que Deos amou,
Dos ceos tanto alcançaram.
E mil e mil choraram
Do vão contentamento
Ao cego Ifante seu rependimento.

ACTO II

EL REY D. AFONSO III. PERO COELHO,
DIEGO LOPEZ PACHECO. CONSELHEIROS

REY.

Oh cetro rico, a quem te não conhece,
Como és fermoso, e bello! e quẽ soubesse
Bem quam differente és do que prometes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes cos pés, que levantar te.
Não louvo, os que se louvam por imperios
A ferro, sangue, e fogo destruyrem,
O seu proprio estendendo: mas aquelles
(O grandeza espantosa, e animo livre!)
Que tendo os muito grandes, os deixáram.
Mór alteza, e mór animo he as grandezas
Desprezar, que aceitar: e mais seguro
A si cada hum reger, que o mundo todo.
O resplandor deste ouro nos engana.
E he terra em fim, e terra a mais pesada.
De hũa alta fortaleza estamos sempre
Postos por atalayas á fortuna:
Por escudos do povo, offerecidos
A receber seus golpes; não fazê-lo
He usar mal do cetro, e bem fazê-lo
He não ter vida mais segura, e certa,
Que quanto estes perigos nos prometem.

CONSELHEIROS

Gloriosos perigos, e trabalhos.
Oh bemaventurados, pois te sobem
Da coroa da terra a que nos ceos
Mais rica, mais gloriosa te daram.

PACHICO

Trabalho mais que estado tem os Reys,
Os bons Reys, que não amam assi seus vicios,
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais isentos, e mais fortes
Que o povo baixo, que anda só apos elles.
E tal Rey como tu, Senhor, he Rey.
Não te pese de o ser, que virá tempo,
Que te ajam mais inveja a esses trabalhos
Sofridos com paciencia, e bem regidos.
Que a victorias famosas com grã perda
De homẽs, e de riquezas mal ganhadas.
Isto faz os Reys grandes, dignos sempre
De memoria immortal, sofrer trabalhos
Polo publico bem, quebrar a força
Do sangue, e proprio amor; fazer-se exemplo
De todo bem ao povo, atalhar prestes
O mal em seu começo, antes que empeça.
Depois nem forças bastam, nem conselho.
Atalhando a este mal, que t'assi agora
Tam trabalhado traz, ficarás livre
Rindo-te da fortuna, e de seus medos.

REY.

Vence o mal ao remedio. Vejo o Iflante
De todo contra mim determinado,
Duro a meus rogos, mais duro aos mandados.
Que estrella foy aquella tam escura?
Que mao signó, ou que fado, ou que planeta!

PACHICO

Em quanto ha occasião, dura o peccado:
Tirando-lha, ey-lo livre.

REY.

Forte cousa
Endurecer se assi aquella vontade!

PACHECO

Endureça-se a tua com justiça.

REY.

Duro remedio! quanto melhor fora
Amor, e obediencia! meus peccados
Quam gravemente sobre mim cahiram!

CONSELHEIROS.

Senhor, pera que he mais? moura esta dama.

REY

Que moura todavia?

PACHECO.

Senhor, moura
Por salvação do povo.

REY.

Não he crueza
Matar quem não tem culpa?

CONSELHEIROS.

Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REY.

Com que côr, com que causa esta matamos?

PACHECO.

Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promete?

REY.

Ella que culpa tem?

PACHECO.

Dá occasião.

REY.

Oh que ella não a dá, o Infante a toma.
Que ley ha, que a condene, ou que justiça?

CONSELHEIROS

O bem commum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras duvidosas.

REY.

Assi que assentaes nisto?

CONSELHEIROS

Nisto: moura.

PACHECO

Moura.

REY.

Húa innocente?

CONSELHEIROS

Que nos mata:

REY.

Não averá outro meo?

PACHECO

Não o temos.

REY.

Metê-la-ey num mosteiro.

CONSELHEIROS.

Ey-lo queimado.

REY.

Mandá-la-ey deste Reyno.

CONSELHEIROS.

O amor voa.
 Este fogo, Senhor, não morre logo.
 Quanto lhe mais resistes, mais s'acende.
 Contra Amor que lugar darás seguro?

REY.

Matá-la he cruel meo, e rigoroso.

PACHECO.

Não vês, não ouves quantas vezes morrem
 Muitos, que o não merecem? Deus o quer
 Polo bem, que se segue.

REY.

Deos o faça,
 Cuja vontade he ley, e a minha não.

PACHECO.

Essa licença tem tambem os Reys,
 Que em seu lugar estão.

REY.

Antes não tem
 Licença pera mais, que quanto pede
 A razão, e justiça: a mais licença
 He barbara cruexa de infieis.

PACHECO.

Pois que dirás daquelles, que a seus proprios
 Filhos, e a seu amor não perdoáram
 Polo exemplo comum, e bem do povo?

REY.

Aos que o bem fizeram, hey inveja.
 Os outros nem os louvo, nem os sigo.

CONSELHEIROS.

Inda que ouvesse excessos, todavia
Mais males atalharam, dos que deram.

REY.

Não se ha de fazer mal por quantos bens
Se possam dahi seguir.

CONSELHEIROS.

Nem bem nenhum.
De que se sigam males.

REY.

Mal parece
Matar hũa innocente.

PACHECO.

Não he mal:
Que a causa o justifica.

REY.

Antes Deos quer
Que se perdoe hum máo, q̃ hum bom padeça.

CONSELHEIROS.

O bem geral quer Deus que mais s'estime,
Que o bem particular. Nas circumstancias
Se salvam, ou se perdem as obras todas.

REY.

Enganão se os juizos muitas vezes.

CONSELHEIROS.

Os dos Reys bem fundados Deus inspira.

REY.

Ey medo de deixar nome de injusto.

CONSELHEIROS

De justo o deixarás, pois te conselhas
Cos juizos dos teus leaes prudentes.

PACHECO

Vês, poderoso Rey, vês cos teus olhos
A peçonha cruel, que vay lavrando
Gerada deste amor cego: vês quanto
A soberba, e desprezo destes homês
Contra ti, e contra todos vay crescendo.
S'em tua vida nos tememos tanto,
Que faremos despois de tua morte?
Por dar saude ao corpo, qualquer membro
Que apodrece, se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Este teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só: corta-lh'a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-ás salvo.
Medico, Senhor, és desta Republica.
O poder, que tem o medico num corpo,
Tens tu sobre nós todos: usa delle.
Se te parece em parte isto crueza,
Não he crueza aquella, mas justiça,
Quando de cruel animo não nasce.
Tua tenção não pecca, em si se salva.
A aspereza dest'obra he medicina,
Com que s'atalhá as mortes, que adiante
Muitos he que por força te mereçam.
A clemencia por certo he grã virtude.
E digna mais dos Reys, que outras virtudes,
Polo perigo grande, que ha na ira,
Em quem tam livremente assi a executa:
Mas com esta o rigor he necessario,
Por não vir em desprezo tal virtude.
Este he o que se chamou severidade,
De que tantos exemplos nos deixaram
Os famosos Romãos em paz, e guerra.
Estas colūnas ambas são tam fortes,

Que bemaventurado este Reyno,
 Que nellas por ti só está tam fundado.
 De tal modo, Senhor, as de usar dellas,
 Que hũa vá sempre d'outra acompanhada.
 Exemplos tes mostrado de clemencia,
 Mostra agora, que he bem, severidade.

REY

A parte que me cabe deste feito,
 Eu a ponho em vós toda, como aquelles,
 Que sem odio, e temor sois obrigados
 Aquillo conselhar-me, que he só justo,
 Mais serviço de Deos, e bem do povo.
 Vós-outros sois meus olhos, que eu não vejo.
 Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço.
 Minha tenção me leve, ella me salve.
 O engano se he vosso, em vós só caya.

PACHICO

Sobre nós descarrega esse teu peso.

CONSELHEIROS

Eu tomo minha parte, ou tomo todo.
 Almas, e honras temos: estas ambas
 A ti, Senhor, se devem, a ti as darnos.
 Estas só te conselham, que bem vés
 Quã grande mal he nossó, o que fazemos.
 Aventuramos vidas, e fazendas,
 Que em odio de teu filho ficam sempre,
 Sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.
 Mas percamo-nos nós, percamos vidas;
 Soframos cruéis mortes; nossos filhos
 Fiquem orfãos de nós, e desherdados;
 A furia de teu filho nós persiga.
 Antes que esse tal medo em nós mais possa,
 Que o que a virtude manda, e te devemos.

REY

I-vos apparehar, que em vós me salvo.
 Senhor, que estás nos ceos, e vés as almas,

Que cuidam, que propoem, que determinam,
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo, em que está: não sey que siga.
Entre medo, e conselho fico agora:
Matar injustamente he grã crueza.
Socorrer a mal publico he piedade.
D'hũa parte receo, mas d'outra ousa.
Oh filho meu que queres destruyr-me!
Ha dó desta velhice tam cansada:
Muda essa pertinacia em bom conselho.
Não dês occasião pera que eu fique
Julgado mal na terra, e condenado
Ant'aquelle grã Juiz, que está nos ceos.
O vida felicissima, a que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna, e descansado,
Livre destes desastres, que cá reynam!
Ninguem menos he Rey, que quem tẽ Reyno.
Ah que não he isto estado, he cativeiro
De muitos desejado, mas mal crido.
Hũa servidão pomposa, hum grã trabalho
Escondido sob nome de descanso.
Aquelle he Rey sómente, que assi vive
(Inda que cá seu nome nunca s'ouça)
Que de medo, e desejo, e d'esperança
Livre passa seus dias. Ó bons dias!
Com que eu todos meus annos tam cansados
Trocára alegremente. Temo os homẽs,
Com outros dissimulo, outros não posso
Castigar, ou não ousa. Hum Rey não ousa.
Tambem teme seu povo: tambem sofre.
Tambem suspira, e geme, e dissimula.
Não sou Rey, sou cativo: e tam cativo
Como quem nunca tem vontade livre.
Salvo-me no conselho dos que creio,
Que me serão leaes: isto me salve,
Senhor, contigo: ou tu me mostra cedo
Remedio mais seguro, com que viva

Conforme a este alto estado, que me dêste.
 E me livra algum tempo antes que moura,
 De tanta obrigaçam, pera que possa
 Conhecer-me melhor, e a ti voar
 Com mais ligeiras asas do que pôde
 Hũa alma carregada de tal peso.

CHORO

*Quanto mais livre, quanto mais seguro
 He aquelle estado, que de si contente
 Não se levanta mais que quanto pôde
 Fugir miserias!*

*Tristes pobrezaas ninguem as deseje.
 Cegas riquezaas ninguem as procure.
 Num meo honesto está a felicidade
 Dos ceos, e terra.*

*Reys poderosos, Principes, Monarchas
 Sobre nos pondez vossos pes, pisay-nos.
 Mas sobre vos está sempre a fortuna
 Nos livres della.*

*Nos altos muros soam mais os ventos.
 As mais crescidas arvores derribam.
 As mais inchadas vellas no mar rompem.
 Caem môres torres.*

*Pompas, e ventos, titulos inchados
 Não dão descanso, nem mais doce sono.
 Antes mais cansam, antes em mais medo
 Poem, e perigo.*

*Como se volvem no grã mar as ondas,
 Assi se volvem estes peitos cheos.
 E nunca fartos, nunca satisfeitos,
 Nunca seguros.*

*Seu me podesse a minha vontade
 Formar meus fados, mais não quereria
 Que meammente segurar a vida
 Co necessario.*

*Quem mais deseja, muitas vezes s'acha
 Triste, enganado: poucas vezes dorme,*

*Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
Temendo os homês.*

*Rey poderoso, tu porque desejas
Nunca ter Reyno? porque essa coroa
Chamas pesada? polo peso d'alma,
Que te carrega.*

*Quam poucas vezes vimos
Tardar a grã justiça,
Que não decesse sobre
Aquelles livres filhos,
Que contra a natural
Obrigaçãõ, e ley
Negaram obediencia
Aquelles, que os gerãram!
Peccado torpe, e feo
Ante Deos, ant' os homês.
Mais pera Hyrcanos Tigres,
Mais pera Liões bravos,
Que razão não conhecem,
Que pera quem so della,
E per' ella he formado.
Aquelle amor tam grande
Dos pays, com que te criam
Co sangue do seu peito,
Que fereza ha tamanha,
Que tal brutalidade,
Que contr' elle te mora?
Rey Dom Afonso, Rey,
Lembra-te de ti mesmo.
Aquelles erros feos,
Com que tu perseguiste
Teu pay tam cruamente,
Lhe dão de ti ringança
Por outro tu teu filho,
Que te desobedece.
Viram-se as Reaes Quinas
Polo mesmo Deos dadas
Aquelle Rey primeiro,*

De que herdaste esse nome
Com esse cetro rico,
Levantadas por ti,
Não contra cinco Reys,
Com cujo sangue as ouve,
Mas contra elRey teu pay,
Mas contra teus vassallos.
Viram-se as Reaes Quinas
Cruéis contra si mesmas
Em bravo fogo acesas
Contr' hũa parte, e outra,
De que tam cruelmente
Corria hum mesmo sangue!
Quantas vezes a sancta
Raynha tua mãy
Se metteo nesse fogo
Por te salvar a vida?
Por ella era apagado.
Por ti tornava arder.
Agora ardes nestoutro.
Justiça de Deos grande!

ACTO III

CASTRO. AMA.

CASTRO.

Nunca mais tarde pera mim que agora
Amanheceo. Ó Sol claro, e fermoso
Como alegras os olhos, que esta noite
Cuidaram não te ver : ó noite triste!
Ó noite escura quam comprida foste!
Como cansaste est'alma em sombras vãs!
Em medos me trouxeste taes, que cria
Que alli se me acabava o meu amor,
Alli a saudade da minh'alma,
Que me ficava cá: e vós meus filhos,
Meus filhos tam fermosos, em que eu vejo
Aquelle rosto, e olhos do pay vosso,
De mim ficaveis cá desemparedados.
Ah sonho triste, que assi me assombraste!
Tremo ind'agora, tremo. Deos afaste
De nós tam triste agouro. Deos o mude
Em mais ditoso fado, em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que choraes de me ver estar-vos chorando;
Meus filhos tam pequenos! ay meus filhos,
Quem em vida vos ama, e teme tanto,
Na morte que fará? mas vivereis,
Crescereis vós primeiro, que veja eu
Que pisastes este campo, em que nascestes,
Em fermosos ginetes arrayados,
Quaes vosso pay vos guarda, com que o Rio
Passeis a nado a ver esta mãy vossa:

Com que canseis as feras; e os imigos
 Vos temam de tam longe, que não ousem
 Nomear-vos sòmente. Entam me venham
 Buscar meus fados: venha aquelle dia
 Que me está esperando: em vossos olhos
 Ficarei eu, meus filhos: vossa vida
 Tomarei eu por vida em minha morte.

AMA

Que choros, e que gritos, Senhora, eram
 Os que t'ouvi esta noite!

CASTRO

Ó ama minha
Vi a morte esta noite crua, e fera.

AMA

Entre sonhos t'ouvi chorar tam alto,
 Que de medo, e d'espanto fiquei fria.

CASTRO

Ind'agora minh'alma s'entristece
 A sombrada dos medos, em que estive.
 Cansada de cuidar na saudade,
 Que sempre leva, e deixa aqui o lffante,
 Adormeci tam triste, que a tristeza
 Me fez tomar o sono mais pesado
 Do que nunca me lembra que tivesse.
Então sonhei que estando eu só num bosque
Escuro, e triste, de hãa sombra negra
Coberto todo, ouvia ao longe hus brados
De feras espantosas, cujo medo
Marrepiava toda e me impedia
 A lingua, e os pés, eu co'alma quasi morta
 Sem me mover, meus filhos abraçava.
 Nisto hum bravo Lião a mim se vinha
 Co a catadura fêra, e logo manso
 Pera tras se tornava: mas em s'indo,

Não sey donde sahiam hūs bravos Lobos,
 Que remetendo a mim com suas unhas
 Os peitos me rasgavam. Então alçava
 Vozes aos ceos, chamava meu Senhor,
 Ouvia-me, e tardava: e eu morria
 Com tanta saudade, que ind'agora
 Parece que a cá tenho: e est'alma triste
 Se m'arrancava tam forçadamente,
 Como quem ante tempo assi deixava
 Seu lugar, e deixava pera sempre
 (Que este na minha morte era o môr mal)
 A doce vista de quem me ama tanto.

AMA.

Hay, e como estaria essa tu'alma
 Tam morta! Deos te guarde. Mas ás vezes
 O pensamento triste traz visões
 Escuras, e medonhas: do cuidado,
 Com que, Senhora, andaste, e adormeceste,
 Se te representaram esses medos.

CASTRO.

Choro daquella dor, daquella mágoa,
 Que ao meu Iflante déra a minha morte.

AMA.

Pera que choras sonhos?

CASTRO.

Não sey que hey:
 Não sey que peso he este, que cá tenho
 Assi no coração, que me carrega.
 Soya ser, que quando so ficava,
 Como agora me vejo, em meu senhor
 Eram todos meus sonhos tam alegres,
 Que desejava a noite, pera nella
 Me lograr dos enganos, que com elle
 Se me representavam; ali o via,

Ali cria que o tinha, e que falava
Comigo, e eu com elle: e muitas vezes
Muitas palavras, que elle em se partindo
Me dizia chorando, ali chorando
Mas tornava a dizer, e eu o detinha
Apertado em meus braços, senão quando
Acordava abraçada só comigo.
Aqueelles meus enganos me sustinham
Das noites pera os dias. E esta noite
Perdia estes enganos com a vida.

AMA

Outro dia verás, que te amanheça
Mais claro, e mais ditoso: em que a coroa,
Que t'espera, terás sob'esses teus
Cabellos d'ouro. Alegra-te entre tanto.
Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.

CASTRO.

Não sey que est'alma vê, que tanto teme.

AMA

A imaginação he perigosa.

CASTRO.

Que fará quem não pôde fugir della?

AMA

Cuidar no bem, lança a tristeza fora.

CASTRO.

Faze-me o bem seguro, que eu não vejo.

AMA

Porque temes o mal, de que estás livre?

CASTRO.

Porque temo perder o bem, que espero.

AMA

Temer de longe o mal, he mal dobrado.

CASTRO.

Como estará alma leda em culpa sua?
Julgam-me mal os homês, e a Deos temo.

AMA.

Dos secretos, Senhora, que parecem
Ao mundo (que os não vê, e do de fóra
Julga somente) feos, máos, e torpes,
Basta a só consciencia, basta tanto,
Que com esta á de ter Deos toda a conta.
Esta, Senhora, he boa prova d'alma.
Pois esta está segura no teu peito.
Se peccado ouve já, já está purgado
Com esse animo firme, com que já ambos
Estaes confederados sanctamente.
O tempo Deos trará com mór seguro
Do que vos este dá, pera mais claro
O mundo conhecer quam grã perigo
He as almas julgar, que só Deos vê.
Entre tanto contente espera, e vive.
Vive, pera que viva quem tanto ama
Esta tua vida, em que toda está a sua.

CASTRO.

Nunca o tanto meus olhos desejárám.
Nunca meu pensamento o imaginou
De mim tam esquecido. Deos o guarde.
Deos te guarde, senhor, que me parece
Que algum mal te detem: algũ mal grande.
Arranca-se a minh'alma de mim mesma.
Parece que voar quer onde estás.
Parece que lhe foges, que me deixas.
Ah pensamentos tristes, pensamentos
Escuros, carregados! y-vos, y-vos.

AMA

Ah não te agoures mal! que melhor fado
O teu será, Senhora; quem tristeza
De sua vontade chama, mal a pôde
Lançar de si, que ás vezes n'alegria
Entra tam furiosa, que a destrue.
Olha pera estes teus doces penhores
Tam seguros, e certos desse amor,
De que lorão gerados: em seus olhos
Alégra hora esses teus, que assi desfazes
Com essas cruéis lagrimas, não chores.
Danas esse teu rosto tam fermoso,
Filha, com tantas lagrimas: não chores:
Não offendas teus olhos: ah não vejam
Nelles sinaes tamanhos de tristeza
Aquelles, cuja gloria he vêr-te alegre.
Olha as agoas do Rio como correm
Pera onde está tam saudosamente.
De lá te vê, Senhora; ellas lhe lembram
Este aposento seu, ou da su'alma.
Estes campos fermosos, que parecem
Debaixo deste ceo dourado, e bello,
Quem os verá, que logo não se alegre?
Ouve a musica doce, com que sempre
Te vem a receber os passarinhos
Por cima destas arvores fermosas.
Cuida, Senhora, de logreres isto.
Em algum tempo com dobrado gosto,
Segura da fortuna, e de seus medos,
Senhora do teu bem, e desta terra.

CHORO CASTRO AMA

CHORO

Tristes novas, cruéis,
Novas mortaes te trago, Dona Ines.
Ah coitada de ti, ah triste, triste!

Que não mereces tu a cruel morte,
Que assi te vem buscar.

AMA.

Que dizes ? fala.

CHORO.

Não posso. Choro.

CASTRO.

De que choras ?

CHORO.

Vejo

Esse rosto, esses olhos, essa...

CASTRO.

Triste

De mim, triste ! que mal ? que mal tamanho
He esse, que me trazes ?

CHORO.

He tua morte.

CASTRO.

He morto o meu Senhor ? o meu Ifante ?

CHORO.

Ambos morrereis cedo.

CASTRO.

Ó novas tristes !

Matam-me o meu amor ? porque mo matam ?

CHORO.

Porque te mataram : por ti só vive.
Por ti morrerá logo.

AMA

Deos não queira

Tal mal, tal desventura.

CHORO

Vem muy perto.

Nam te tardará muito, poem te em salvo.

Fuge coitada, fuge, que já soam

As duras ferraduras, que te trazem

Correndo a morte triste. Gente armada

Correndo vem, Senhora, em busca tua.

ElRey te vem buscar determinado

D'em ti vingar sua furia. Vê se podes

Salvar tambem teus filhos, não lh'empça

Parte de teus mãos fados.

CASTRO

Ó coitada,

Só, triste, perseguida! hay meu senhor

Onde estás, que não vês! elRey me busca?

CHORO

ElRey.

CASTRO

Porque me mata!

CHORO

Rey cruel!

Cruéis os que o movéram a tal crueza!

Por ti vem perguntando. Esses teus peitos

Vem só buscar, pera com duro ferro

Serem furiosamente traspassados.

AMA

Cumpriram se teus sonhos.

CASTRO

Sonhos tristes!

Sonhos cruéis! porque tam verdadeiros

Me quisestes sayr! ó sprito meu!

Como não creste mais o mal tamanho
 Que crias, e sabias? Ama, fuge.
 Fuge desta ira grande, que nos busca.
 Eu fico, fico só, mas innocente.
 Não quero mais ajudas, venha a morte:
 Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos
 Vivereis cá por mim: meus tam pequenos,
 Que cruelmente vem tirar de mim.
 Soccorra-me só Deos, e socorrei-me
 Vós moças de Coimbra. Homês, que vedes
 Esta innocencia minha, socorrei-me.
 Meus filhos não choreis: eu por vós choro.
 Logray-vos desta mãy, desta mãy triste,
 Em quanto a tendes viva. E vós amigas
 Cercay-me em roda todas, e podendo,
 Defendey-me da morte, que me busca.

CHORO.

*Teme teus erros, mocidade cega,
 Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
 Que assi te deixa correndo, e voando
 Com suas asas.*
*Ó quanto hũa hora, quanto hum só momento
 Breve algũ hora quererás debalde!
 Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o,
 Telo-ás seguro.*
*Todo ouro, e prata, pedras preciosas,
 A que correndo vão todos perdidos,
 Por agoa, e fogo, não temendo a morte,
 Cavar nas veas,*
*Nunca poderam, nunca poderãm
 Comprar hum ponto deste tempo livre,
 Que assi atras deixa Principes, Senhores,
 Como os mais baixos.*
*Igual a todos, igualmente fuge.
 Não valem forças, não val gentileza.
 Por tudo passa, tudo calca, e pisa.
 Ninguem o força.*

Com sua foice, cruel may cortando
Vidas a moços, trabalhos a velhos.

Só boa fama, só virtude casta

Pode mais que elle.

Esta se salva somente em si mesma.

Esta o sprito segue, sempre vive.

Esta seguindo vencerás o tempo

Rir te-as da morte.

Vire pois, vire, mocidade cega,

Vire co tempo, delle te enriquece.

Delle só t'arma contr' aquelle dia

Do grande aperto.

Apos amor vem morte,

Em da vida, ou da honra,

E d'alma juntamente,

Que em noite escura poem,

Sem ver o claro dia

Da razão, que lhe diz

Os males, e perigos,

Em que este amor acaba.

O Principe tam cego!

O Principe tam duro!

Que cerraste os teus olhos

A quelles bons conselhos,

Que cerraste as orelhas

A quelles bons arisos.

Tu dormes, ou passeas,

E pelos campos vem

Do Mondego correndo

A cruel morte em busca

Da tua doce vida,

Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens

Buscar esta innocente,

Ha piedade, e migna

Das seus fermosos olhos,

Do seu fermoso rosto;

Não desates hum no

Tam firme, com que dous
Corações ajuntou
Amor tam estreitamente.
Cruêza farás grande
Partir hús olhos d'outros ;
Húa alma assi d'outr'alma :
E derramar o sangue,
O sangue tam fermoso
Do seu fermoso corpo.
Doan te aquelles peitos
De marfim, ou de nere.
Doan-te aquellas faces
De lyrios, e de rosas,
Que já perdem sua cor
Pola falta do sangue,
Que no coração junto
Lhe tens frio, e coalhado
Com medo do teu nome.
Aquella alva garganta
De cristal, ou de prata,
Que sostem a cabeça
Tam alva, e tam dourada,
Porque cortar a queres
Com golpe tam cruel ?
E derramar nos ares
Aquelle sprito digno
Do corpo em que vivia ?
Ha piedade, e magoa
De tanta fermosura,
Daquelle triste Iffante,
E destes seus penhores.
Detem-te, em quanto chega,
Detem te em quanto tarda.
Corre, ó Iffante, corre :
Socorre ao teu amor.
Hay tardas ! saberás
Como o Amor sempre acaba.

ACTO III

PACHECO. REY. CHORO. CASTRO. COLMO.

PACHECO.

A presteza em tal caso, he bom seguro,
E piedade, Senhor, será cruieza.
Cerra os olhos a lagrimas, e mágoas,
Que te podem mover dessa constancia.

REY.

Esta he, que a mim se vem: o rosto digno
De mais ditosos fados!

CHORO.

Eis a morte
Vem. Vay te entregar a ella: vay depressa,
Terás que chorar menos.

CASTRO.

Vou, amigas;
Acompanhay me vós, amigas minhas,
Ajuday-me a pedir misericordia,
Choray o desemparo destes filhos
Tam tenros, e innocentes. Filhos tristes,
Vedes aqui o pay de vosso pay.
Eis aqui vosso avô, nosso senhor;
Beijal-lhe a mão, pedi-lhe piedade
De vos, desta mãy vossa, cuja vida
Vos vem, filhos, roubar.

CHORO

Quem pôde ver-te,
Que não chore, e s'abrande?

CASTRO.

Meu senhor,
Esta he a mãy de teus netos. Estes são
Filhos daquelle filho, que tanto amas.
Esta he aquella coitada molher fraca,
Contra quem vens armado de crueza.
Aqui me tens. Bastava teu mandado
Pera eu segura, e livre t'esperar,
Em ti, e em minh'innocencia confiada.
Escusáras, Senhor, todo este estrondo
D'armas, e Cavaleiros, que não foge,
Nem se teme a innocencia da justiça.
E quando meus peccados me acusáram,
A ti fora buscar: a ti tomára
Por vida em minha morte: agora vejo
Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos
Reaes tam piadósas: pois quiseste
Por ti vir-te informar de minhas culpas.
Conhece-mas, Senhor, como bom Rey,
Como clemente, e justo, e como pay
De teus vassallos todos, a quem nunca
Negaste piedade com justiça.
Que vês em mim, Senhor? que vês em quem
Em tuas mãos se mete tam segura?
Que furia, que ira esta he, com que me buscas?
Mais contra imigos vens, que cruelmente
T'andassem tuas terras destruindo
A ferro, e fogo. Eu tremo, Senhor, tremo
De me ver ante ti, como me vejo.
Molher, moça, innocente, serva tua,
Tam só, sem por mim ter quem me defenda.
Que a lingua não s'atreve, o sprito treme
Ante tua presença, porém possam
Estes moços, teus netos defender-me.

Elles falem por mim, elles sós ouve:
 Mas não te falarão, Senhor, com lingua,
 Que inda não podem: falam te co as almas,
 Com suas idades tenras, com seu sangue,
 Que he teu, te falarão: seu desempero
 T'está pedindo vida: não lha negues.
 Teus netos são, que nunca têqui viste:
 E vê-los em tal tempo, que lhes tolhes
 A gloria, e o prazer, qu'em seus spritos
 Lhe está Deos revelando de te verem.

REY

Tristes foram teus fados, Dona Ines,
 Triste ventura a tua.

CASTRO

Antes ditosa,
 Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
 Em tempo tam estreito: poem-nos hora,
 Como nos outros soes, nesta coitada.
 Enche-os de piedade com justiça.
 Vens-me, senhor, matar? porque me matas?

REY

Teus peccados te matam: cuida nelles.

CASTRO

Peccados meus' ao menos contra ti
 Nenhum, meu Rey, me accusa. Contra Deos
 Me podem accusar muitos: mas elle ouve
 As vozes d'alma triste, em que lhe pede
 Piedade. O Deos justo, Deos benigno,
 Que não mata, podendo com justiça,
 Mas dá tempo de vida, e espera tempo
 Só pera perdóar: assi o fazes,
 Assi o fizeste sempre: pois não mudes
 Agora contra mim teu bom costume.

REY.

Tua morte m'estam outras muitas vidas
Pedindo com clamores.

PACHECO.

Foge o tempo.

CASTRO.

Oh triste, triste! meu senhor, não me ouves?
Sossega tua furia, não a sigas.
Nunca aconselhou bem: nunca deu tempo
De remedio a algum mal a ira. Sempre
Traz arrependimento sem remedio.
Ouve minha razão, minh'innocencia.
Culpa he, senhor, guardar amor constante
A quem mo tem? se por amor me matas,
Que farás ao imigo? amey teu filho,
Não o matey. Amor amor merece;
Estas são minhas culpas: estas queres
Com morte castigar? em que a mereço?

PACHECO.

Dona Ines, contra ti he a sentença dada.
Despide essa tu'alma desse corpo
Em bom estado, e seja prestesmente.
Não tenhas que chorar mais, que só a morte.

CASTRO

Ó meus amigos, porque não tirais
ElRey de ira tamanha? a vós me vou,
Em vós busco socorro: ajuday-me hora
Pedir-lhe piedade. Ó Cavaleiros,
Que as tristes prometestes defender,
Defendei-me, que mouro injustamente.
Se me vós não defendeis, vós me matais.

CORLEO.

Por mágoa dessas lagrimas te rogo
Que este tempo, que tês, inda que estreito,

Tomes pera remedio da tu'alma.
O que elRey em ti faz, faz com justiça.
Nós o trazemos cá, não com tenção
De sermos em ti cruz: mas de salvarmos
Este Reyno, que pede esta tua morte.
Que nunca, ó Deos, quisera que tal meo
Nos fora necessario. A elRey perdoa,
Que crueza não faz: se a nós fazemos,
Por ti ante o grã Deos será pedida
Vingança iusta, se te não parece
Que perdão merecemos nas tenções,
Com que elRey aconselhamos. Ó ditosa,
Dona Ines, tua morte! pois só nella
Se ganha hũa geral vida a todo Reyno.
Bem vês por tua causa como estava,
Alem desse peccado, em que te tinha
O infantе forçada (que assi o cremos)
Mas pois pera remedio he necessario
A morte sua, ou tua, he necessario
Que tu sofras a tua com paciencia,
Que isso te ficará por mayor gloria
Que aquella, que esperavas cá do mundo.
E quanto mais injusta te parece,
Tanto mais justa gloria lá terás,
Onde tudo se paga por medida.
Não, que a teu parecer mal te matamos,
Não viviremos muito: lá nos tens
Antes de muito tempo ant'esse trono
Do grã Juiz, onde daremos conta
Do mal, que te fazemos. Não ouviste
Já das Romãs, e Gregas com que esforço
Morrêram muitas só por gloria sua?
Morre pois, Castro, morre de vontade,
Pois não pôde deixar de ser tua morte.

CASTRO.

Triste pratica, triste! cru conselho
Me dás. Quem o ouvira! mas pois já mouro,

Ouve-me Rey senhor : ouve primeiro
A derradeira voz dest'alma triste.
Co estes teus pés me abraço, que não fujo.
Aqui me tês segura.

REY.

Que me queres ?

CASTRO.

Que te posso querer, que tu não vejas ?
Pergunta te a ti mesmo o que me fazes ;
A causa, que te move a tal rigor.
Dou tua consciencia em minha prova.
S'os olhos de teu filho s'enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho ?
Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,
Fraqueza costumada em todo estado.
Se contra Deos pequei, contra ti não.
Não soube defender-me, dei-me toda.
Não a imigos teus, não a traydores,
A que algus teus segredos descobrisse
Confiados a mim, mas a teu filho
Principe deste Reyno. Vê que forças
Podia eu ter contra tamanhas forças.
Não cuidava, senhor, que t'offendia.
Defendêras-mo tu, e obedecêra.
Inda que o grand'amor nunca se força :
Igualmente foy sempre entre nós ambos :
Igualmente trocámos nossas almas.
Esta que te hora fala, he de teu filho.
Em mim matas a elle : elle pede
Vida por'estes filhos concebidos
Em tanto amor. Não vês como parecem
Aquelle filho teu ? Senhor meu, matas
Todos, a mim matando : todos morrem.
Não sinto já, nem choro minha morte,
Inda que injustamente assi me busca,
Inda que estes meus dias assi corta

Na sua flor indigna de tal golpe :
Mas sinto aquella morte triste, e dura
Pera ti, e pera o Reyno, que tam certa
Vejo naquelle amor, que esta me causa.
Não vivirá teu filho, dá-lhe vida
Senhor, dando-ma a mim : que eu me irey logo
Onde nunca appareça ; mas levando
Festes penhores seus, que não conhecem
Outros mimos, e tetas sendo estas,
Que cortar-lh'ora queres ; hay meus filhos
Choray, pedi justiça aos altos ceos.
Pedi misericordia a vosso avô
Contra vos tam cruel, meus innocentes.
Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,
Que não poderá ver-vos sem me ver.
Abraçay-me, meus filhos, abraçay-me,
Despedi vos dos peitos, que mamastes.
Estes sós foram sempre : já vos deixam.
Ah já vos desempara esta mãy vossa.
Que achará vosso pay, quando vier ?
Achar-vos-á tam sós, sem vossa mãy :
Não verá quem buscava : verá cheas
As casas, e paredes de meu sangue.
Ah vejo-te morrer, senhor, por mim.
Meu senhor, já que eu mouro, vive tu.
Isto te peço, e rogo : vive, vive.
Empara estes teus filhos, que tant'amas.
E pague minha morte seus desastres,
Se algú os esperavam. Rey senhor,
Pois podes socorrer a tantos males,
Socorre-me, perdoa-me. Não posso
Falar mais. Não me mates, não me mates.
Senhor, não to mereço.

REF

Ó molher forte !
Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive, em quanto Deos quer.

CHORO

Rey piadoso,

Vive tu, pois perdoas : moura aquelle,
Que sua dura tenção leva adiante.

PACHECO. REY. COELHO

Oh Senhor, que nos matas ! que fraqueza
Essa he indigna de ti ? de hum real peito ?
Vence-te hũa molher, e estranhas tanto
Vencer assi teu filho ? que já agora
Terá desculpa honesta : não te esqueças
Da tenção tam fundada, que te trouxe.

REY.

Não pôde o meu sprito consentir
Em crueza tamanha.

PACHECO.

Mór crueza

Fazes agora ao Reyno : agora fazes
O que faz a pouca agoa em grande fogo.
Agora mais s'acende, arderá mais
O fogo de teu filho. A que vieste ?
A pôr em mór perigo teu estado ?

REY

Vejo aquella innocente, chora-m'alma.

COELHO.

O animo Real tam firme, e forte
A de ser no que faz, que nunca possa
Debaixo do ceo nada pervertê-lo.
A justiça, Senhor, pinta-se armada
D'espada aguda, contra cujos fios
Não possa aver brandura, nem dureza.
Cada hum destes extremos he grã vicio
Em quem he pay comum de todo hum Reyno.

Depois da conta feita, e razões claras,
Depois de taes conselhos em que viste
Quam necessaria era esta tua vinda,
Quam necessario o effeito, a que vieste,
Se muda assi, senhor, tam levemente
Por lagrimas teu animo constante !
Antes não cometeras, nem cuidaras
Cometter isto porque não vieras
Acrescentar o mal, que agora vejo
Que fica ja de todo sem remedio.

REY

Não vejo culpa, que mereça pena.

PACHICO

Inda hoje a viste, quem ta esconde agora ?

REY

Mais quero perdoar, que ser injusto.

COELHO

Injusto he quem perdoa a pena justa.

REY

Peque antes ness'estremo, que em crueza.

COELHO

Não se consente o Rey peccar em nada.

REY

Sou homem.

COELHO

Porém Rey.

REY

O Rey perdoa.

PACHECO.

Nem sempre perdoar he piedade.

REY.

Eu vejo hũa innocente, mãy de hūs filhos
De meu filho, que mato juntamente.

COELHO

Mas dás vida a teu filho, salvas-lh'alma,
Pacíficas teu Reyno: a ti seguras.
Restitues-nos honra, paz, descanso.
Destrues a traydores; cortas quanto
Sobre ti, e teu neto se tecia.
Offensas, senhor, publicas não querem
Perdão, mas rigor grande. Daqui pende
Ou remedio d'hum reyno, ou queda certa.
Abre os olhos ás causas necessarias,
Que te mostramos sempre, e que tu vias.
Cuida no que emprendeste, e no que deixas.
O odio de teu filho contra ti,
Contra nós tal será, como qual fora,
Fazendo-se, o que deixas por fazer.
A ti ficam seus filhos, ama-os, honra-os.
Assi lh'amansarás grã parte da ira.
Senhor, por teu estado te pedimos:
Polo amor do teu povo, com que t'ama,
Polo com que sabemos que nos amas:
Por mais vida, e mais honra de teu filho,
Principe nosso: e por aquelle seu
Fernando unico herdeiro, cuja vida
Te está pedindo justamente a morte
Desta molher: em fim por honra tua,
Pola constancia firme, com que sempre
Acudiste ós remedios, e á justiça,
Que a não deixes agora: que te movam
Mais estas razões fortes, que essa magoa
Injusta, que despois chorarás mais,
Perdendo esta occasião, que Deos te mostra.

REY

Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue.
Vós outros o fazei, se vos parece
Justiça, assi matar quem não tem culpa.

COELHO

Essa licença basta: a tenção nossa
Nos salvará cos homês, e com Deos.

CHORO

Em fim venço a ira, cruel imiga
De todo bom conselho. Ah quanto podem
Palavras, e razões em peito brando!
Eu vejo teu sprito combatido
De mil ondas, ó Rey. Bom he teu zelo:
O conselho leal: cruel a obra.

REY

Por crueza julgais o que he justiça?

CHORO

Crueza a chamará tod'outra idade.

REY

Minh'alma innocente he, conselho sigo.

CHORO

Deos te julgue. Eu não ousa. Porém temo.

REY

Que temes?

CHORO

Este sangue, que aos ceos brada.
Não culpamos a ti; nem desculpamos
As descorteses mãos de teus ministros
Constantes no conselho, crus na obra.
Ay vêa que crueldade! ó nunca visto
Mais innocente sangue! e cómo sófres

Ó Rey tal injustiça ? ouves os brados
 Da innocente moça ; ouves os choros
 Dos innocentes filhos ? triste Iffante
 Alli passam tu'alma teus vassallos,
 De teu sangue os cruéis tingem seus ferros.

•
 KEY.

Afronta-se minha alma. Ó quem podera
 Desfazer o que he feito.

CHORO

*Já morreo Dona Ines, matou-a Amor ;
 Amor cruel ! se tu tiveras olhos,
 Tambem morreras logo. O dura morte
 Como ousaste matar aquella vida ?
 Mas não mataste ; melhor vida, e nome
 Lhe deste do que cá tinha na terra.
 Este seu corpo só gastará a terra,
 Por quem estará chorando sempre o Amor,
 Honrando-se somente do seu nome.
 Mas quem a quiser ver com outros olhos,
 Outro nome, outra gloria, outra honra, e vida
 Lhe achará, contra a qual não póde a morte.
 Aquelles matas tu somente, ó morte,
 Cujo nome s'esquece ; e a quem na terra
 Fica de todo sepultada a vida.
 Mas esta vivirá, em quanto o Amor
 Entr'os homês reynar, e sempre os olhos
 De todos a verám com melhor nome.
 Real amor lhe dará Real nome.
 O que coroa lhe aparelha a morte !
 Depois que lhe cerrou os claros olhos
 Indignos d'ante tempo irem a terra,
 Sem quem só fica, e desarmado Amor ;
 Sem quem quam triste, Iffante, a tua vida !
 Tu es o que morreste, aquella vida
 Era tua ; já agora aquella nome*

Que tam doce te fez sempre o Amor,
 Triste to tem tornado a cruel morte.
 Chorando a andarão sempre na terra
 Te que nos ceos a vejam esses teus olhos.
 Nem avora já nunca no mundo olhos,
 Que não chorem de mágoa de hũa vida
 Assim cortada em flor. E quem a terra
 Por ver, em que estiver escrito o nome
 Della, dirá: Aqui esta chorando a morte
 De mágoa do que fez, aqui o Amor.
 Amor, quanto perdeste nãs sos olhos,
 Que debaixo da terra pos a morte,
 Tanto elles mais terão de vida, e nome.

SAFICOS

Choremos todos a Tragedia triste,
 Que esta crua morte deixará no mundo.
 Já aquelle sprito, que tambem viria
 Em ti, ó Castro, ray aos ceos voando.
 Já aquelle sangue purpureo, innocente,
 Forçadamente desempara os membros,
 A que elle dara aquella cor, e graça,
 Que a natureza mais perfeitamente
 Formar podera nesta, ou outra idade.
 Assim a região, que vê nascer o sol,
 Como a região, onde o sol se esconde,
 Assim aquella, que ao ferrente Cancro,
 Como aquell'outra, que á fria mar Ursa
 Estão sujeitas, esta mágoa chorem.
 Já a covada no seu sangue envolta
 Aos pés dos filhos, pera quem fugia;
 Não lhe valeram, que não tinham forças
 Pera tomarem os agudos ferrros,
 Com que seus peitos tam ousadamente
 Traspassar viam aquelles cruéis.
 Ó mãos tam duras, ó corações duros,
 Como podestes fazer tal crueza?

*Outras mãos venham, que vo-las arranquem
Com mór crueza.
Que duros Getas, mas que Liões, que Tossos
Não amansara tam fermoso rosto?
Que ira tam brava não tornara branda
Ilha só mágoa de tam doce boca?
Que mãos tão cruas não atáram logo
Aquelles crespos seus ricos cabellos?
Aquelles olhos em que pedras duras
Não imprimiram brandura? ó que mágoa!
O que crueza tam fera, e tam bruta!
Moça innocente por amor só morta:
Com gente armada, como forte inimigo.
Tu, Deos, que o viste, ouve o clamor justo
D'aquelle sangue, que t'está pedindo
Crua vingança.*

ACTO V

IFFANTE MESSAGEIRO

IFFANTE.

Outro ceo, outro sol me parece este
Diferente daquelle, que lá deixo
Donde parti, mais claro, e mais fermoso.
Onde não resplandecem os dous claros
Oihos da minha luz, tudo he escuro.
Aquelle he só meu sol, a minha estrella,
Mais clara, mais fermosa, mais luzente
Que Venus, quando mais clara se mostra.
Daquelles oihos s'alumia a terra,
Em que sombra não ha, nem nuvem escura.
Tudo ali he tam claro, que té a noite
Me parece mais dia, que este dia.
A terra ali s'alegra, e reverdece
D'outras flôres mais frescas, e melhores.
O ceo se ri, e se doura diferente
Do que neste Orisonte se me mostra.
O soberbo Mondego com tal vista
Parece que ao grã mar vay fazer guerra.
D'outros ares respira ali a gente,
Que fazem immortaes os que la vivem.
O' Castro, Castro, meu amor constante!
Quem me de ti tirar, tire me a vida.
Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.
Morrendo hũa destas vidas, ambas morrem.
E avemos de morrer? pôde vir tempo

Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
 Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
 Nem achar os teus olhos tam fermosos,
 De que os meus tomam luz, e tomam vida?
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos
 Mostrarem a saudade, que me fazem
 Tam tristes pensamentos. Viviremos
 Muitos annos, e muitos: viviremos
 Sempre ambos nest'amor tam doce, e puro.
 Raynha te verey deste meu reyno,
 D'outra nova coroa coroada
 Diferente de quantas coroaram
 Ou de homês, ou molheres as cabeças.
 Então serão meus olhos satisfeitos:
 Então se fartará da gloria sua
 Est'alma, que anda morta de desejos.

MESSAGEIRO.

O' triste nova, triste messageiro
 Tens ante ti, senhor.

IFFANTE.

Que novas trazes?

MESSAGEIRO.

Novas crueis; cruel sou contra ti,
 Pois m'atrevi trazê las. Mas primeiro
 Sossega teu sprito: e nelle finge
 A mor desaventura, que te agora
 Podia acontecer: que grã remedio
 He ter o sprito armado á má fortuna.

IFFANTE.

Tens-me suspenso. Conta: que acrescentas
 O mal com a tardarça.

MESSAGEIRO.

He morta Dona Ines, que tanto amavas.

IFFANTE.

O' Deos: ó ceos! que contas? que me dizes?

MESSAGEIRO.

De morte tam cruel, que he nova mágoa
Contar-ta: não me atrevo.

IFFANTE.

He morta?

MESSAGEIRO.

Si.

IFFANTE.

Quem ma matou?

MESSAGEIRO.

Teu pay, cõ gente armada
Foy hoje salteá-la. A innocente,
Que tam segura estava, não fugio.
Não lhe valeo o amor com que te amava.
Não teus filhos, com quem se defendia.
Não aquella innocencia, e piedade,
Com que pedio perdão aos pés lançada
D'elRey teu pay, que teve tanta força
Que lho deu já chorando. Mas aquelles
Cruéis ministros seus, e conselheiros
Contr'aquelle perdão tam merecido
Arrancando as espadas se vão a ella
Traspassando-lh'os peitos cruelmente;
Abraçada cos filhos a matáram,
Que inda ficáram tintos do seu sangue

IFFANTE.

Que direy? que farey? que clamarey?
O' fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
O' minha Dona Ines, ó alma minha,
Morta m'es tu? morte ouve tam ousada
Que contra ti podesse? ouço o, e vivo?
Eu vivo, e tu es morta! ó morte crua!
Morte cega mataste minha vida,

E não me vejo morto? abra-se a terra.
Sorva-me num momento: rompa-s'alma,
Aparte-se de hum corpo tam pesado,
Que ma detem por força.
Ah minha Dona Ines, ah, ah minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minh'esperança só, minh'alegria,
Mataram-te? mataram-te? tua alma
Innocente, fermosa, humilde, e sancta
Deixou já seu lugar? ah de teu sangue
S'enchèram as espadas? de teu sangue?
Que espadas tam crueis, que crueis mãos?
Ah como se movêram contra ti?
Como tiveram forças, como fios
Aquelles duros ferros contra ti?
Como tal consentiste Rey cruel?
Imigo meu, não pay, imigo meu!
Porque assi me mataste? o Liões bravos!
O' Tygres! o' serpentes! que tal sede
Tinheis deste meu sangue! porque causa
Vos não vinheis em mim fartar vossa ira?
Matáreis me, e vivêra. Homês crueis,
Porque não me matastes? meus imigos,
Se mal vos merecia, em mim vingareis
Esse mal todo. Aquella ovelha mansa
Innocente, fermosa, simplex, casta,
Que mal vos merecia? mas quisestes
Como imigos crueis buscar-me a morte
Não da vida, mas d'alma. O' ceos, que vistes
Tamanha crueldade, como logo
Não cahistes? O' montes de Coimbra,
Como não sovertestes taes ministros?
Como não treme a terra, e s'abre toda?
Como sustenta em si tam grã crueza?

MESSAGEIRO.

Senhor, pera chorar fica assaz tempo:
Mas lagrimas que fazem contr'a morte?

Vay ver aquelle corpo, vay fazer-lhe
As honras, que lhe deveas.

INFANTE.

Tristes honras!

Outras honras, Senhora, te guardava:
Outras se te deviam. O' triste, triate!
Enganado, nascido em cruel signo,
Quem m'enganou? ah cego que não cria
Aquellas ameaças! mas quem crêra
Que tal podia ser?
Como poderei ver aquelles olhos
Cerrados pera sempre? como aquelles
Cabellos já não de ouro, mas de sangue?
Aquellas mãos tam frias, e tam negras,
Que antes via tam alvas, e fermosas?
Aquelles brancos peitos traspassados
De golpes tam cruéis? aquelle corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços
Vivo, e fermoso, como morto agora,
E frio o posso ver? hay como aquelles
Penhores seus tam sós? ó pay cruel!
Tu não me vias nelles? meu amor,
Já me não ouves? já não te ey de ver?
Já te não posso achar em toda a terra?
Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homês
S'achou tanta crueza. E tu Coimbra
Cubre-te de tristeza pera sempre.
Não se ria em ti nunca, nem s'ouça
Senão prantos, e lagrimas: em sangue
Se converta aquella agoa do Mondego.
As arvôres se sequem, e as flores.
Ajudem me pedir aos ceos justiça
Deste meu mal tamanho.
Eu te matey, Senhora, eu te matey.
Com morte te paguei o teu amor.
Mas eu me matarey mais cruelmente

Do que te a ti matáram, se não vingo
Com novas crueldades tua morte.
Par'isto me dá Deos sómente vida.
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos,
Arranque delles hús corações feros,
Que tal crueza ousáram: entam acabe.
Eu te perseguirey, Rey meu imigo.
Lavrará muito cedo bravo fogo
Nos teus, na tua terra, destruidos
Verão os teus amigos, outros modos,
De cujo sangue s'encherão os campos,
De cujo sangue correrão os rios,
Em vingança daquelle: ou tu me mata,
Ou fuge da minh'ira, que já agora
Te não conhecerá por pay. Imigo
Me chamo teu, imigo teu me chama.
Não m'es pay, não sou filho, imigo sou.
Tu, Senhora, estás lá nos ceos, eu fico
Em quanto te vingar: logo lá voõ.
Tu serás cá Raynha, como foras.
Teus filhos, só por teus serão Iffantes.
Teu innocente corpo será posto
Em Estado Real: o teu amor
M'acompanhará sempre, té que deixe
O meu corpo co teu; e lá vá est'alma
Descansar com a tua pera sempre.

FIM.

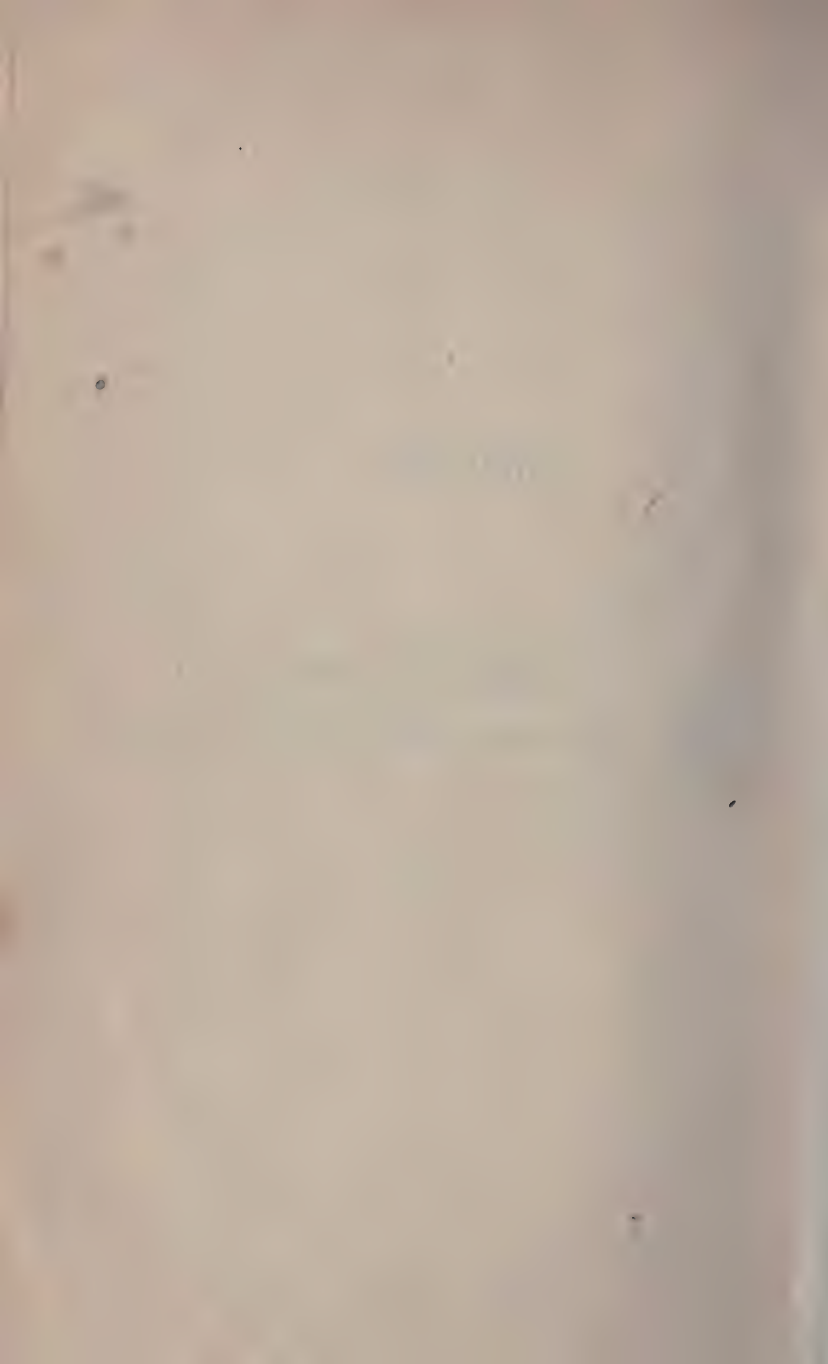
INDICE

I — Da «Castro» e seu significado na evolução da Literatura Portuguesa	v
II — Aparecimento dos primeiros ensaios da Tragedia em Italia e França	vii
III — A iniciação da Tragedia em Portugal	xii
IV — A obra da <i>Nise lacrimosa</i> de Bermúdez é simples- mente um plágio da «Castro» de António Ferreira	xvi
V — As várias edições da «Castro». Alguns Mestres de Ferreira	xxviii
VI — Algumas censuras feitas à «Castro». A superio- ridade desta Tragedia	xxvii
A «CASTRO»	5

ERRATAS

Página xxii — « decerto só copiou » — leia-se « decerto
não copiou ».

Página 3 — Diogo Lopes Pacheco — leia-se — Diogo
Lopez Pacheco.



PQ
9231
F3C3
1598a

Ferreira, António
A Castro

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

